

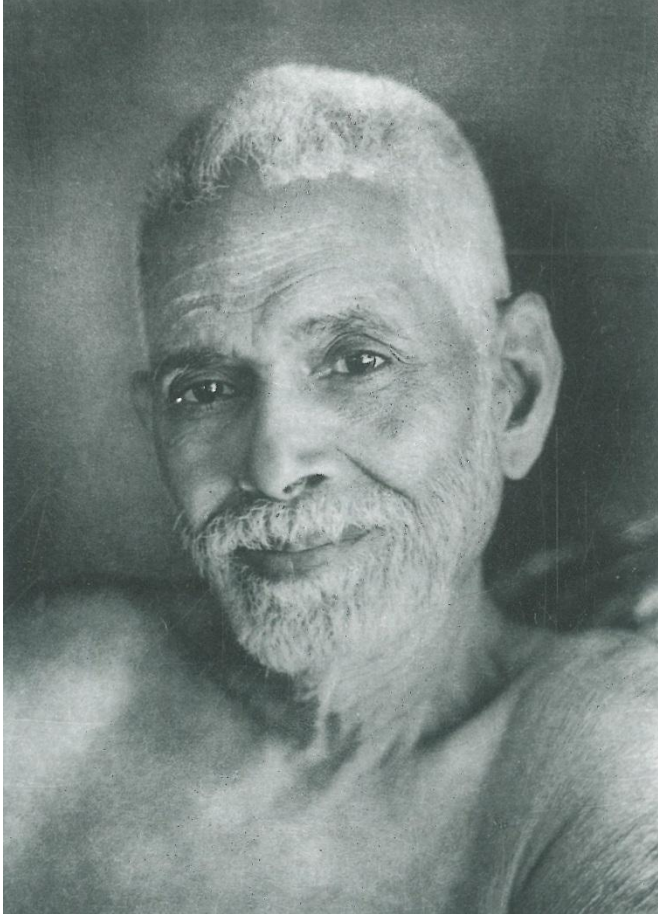
O EVANGELHO DE MAHARSHI
Ensinamentos de Sri Ramana Maharshi

Livros I & II

Centro de Retiros Karuna, 2015

Edição Centro de Retiros Karuna
Monchique, Portugal, 2015
email: balkrishna.mtc@gmail.com

Traduzido a partir da 12^a edição do livro:
Maharshi's Gospel
The teachings of Sri Ramana Maharshi
First published on the occasion of the 60th JAYANTI of
Bhagavan Sri Ramana Maharshi
27th December 1939



NOTA DOS TRADUTORES

Os tradutores agradecem a oportunidade de poderem contribuir para que os ensinamentos de Sri Ramana Maharshi possam chegar a um maior número de pessoas, nomeadamente aos leitores de língua portuguesa.

Reconhecemos desde já que a presente tradução pode ser melhorada, pelo que se lança o convite ao leitor, para nos contactar caso tenha alguma sugestão de alteração ou correcção, no sentido de aproximar a presente tradução ao sentido profundo dos ensinamentos de Sri Ramana Maharshi e à comunidade de leitores de língua portuguesa. Todas as sugestões recebidas serão tidas seriamente em consideração nas próximas edições.

Gostaríamos, igualmente de alertar o leitor que surgem palavras como Self e outras, cujo sentido profundo só se manifesta ao longo da leitura do livro. Qualquer ideia pré-concebida em relação às mesmas poderá distanciar o leitor do sentido mais profundo deste texto.

PREFÁCIO

Em resposta ao desejo sincero de um grande número de devotos de Bhagavan Sri Ramana, as respostas a algumas perguntas colocadas a Ele, de tempos a tempos, estão impressas em formato de livro, com o título *Evangelho de Maharshi*, para o benefício do mundo, como um todo.

Estas perguntas ocorrem, sempre, a muitos de nós e esforçamos-nos por as resolver no nosso interior. As respostas dadas por Maharshi são o elixir da Sabedoria Divina, baseadas como são, no Seu conhecimento e experiência directos. As Suas respostas são de valor inestimável para quem, sinceramente procura a Verdade.

A verdade profunda do Advaita de que uma e única Realidade é o absoluto *Self* ou Brahman, em parte alguma, foi exposta com maior lucidez do que nestas páginas. Porque, por um lado, é baseada na mais elevada experiência que é Dele, que Bhagavan Sri Ramana fala, e por outro, é do ponto de vista da compreensão comum do homem leigo que o aspirante procura conhecer a Verdade.

A Verdade é a mesma para um e todos e Sri Bhagavan direcciona o aspirante sincero a investigar e examinar criticamente a sua própria experiência interior e a procurar por ele mesmo, o âmago do seu ser, o Coração, o qual é eternamente idêntico com A Realidade Última, da qual tudo o resto que é visto ou conhecido é meramente uma manifestação de um fenómeno.

Cada palavra que sai dos lábios do Sábio é da essência da sabedoria dos Upanishads, da qual Ele Próprio é Suprema Incarnação.

O leitor devoto vai encontrar nestas páginas um conselho prático, e irá ganhar a convicção que a sua natureza essencial é Divina.

ÍNDICE

Livro I

Capítulo I – Trabalho e Renúncia	11
Capítulo II – Silêncio e Solidão	18
Capítulo III – Controle da Mente	20
Capítulo IV – Bhakti e Jnana	24
Capítulo V – <i>Self</i> e Individualidade	26
Capítulo VI – Auto-Realização	29
Capítulo VII – Guru e a sua Graça	32
Capítulo VIII – Paz e Felicidade	36

Livro II

Capítulo I – Auto-investigação	39
Capítulo II – Shadana e Graça	45
Capítulo III – O Jnani e o Mundo	48
Capítulo IV – O Coração é o <i>Self</i>	55
Capítulo V – O Lugar do Coração	59
Capítulo VI – <i>Aham</i> e <i>Aham-Vritti</i>	64
Apêndice	69
Glossário	74

EVANGELHO DE MAHARSHI

LIVRO I

I

TRABALHO e RENÚNCIA

Discípulo: Qual é o objectivo mais elevado da experiência espiritual para o homem?

Maharshi: A Auto-Realização.

D: Pode um homem casado realizar o *Self*?

M: Certamente. Casado ou não casado, um homem pode realizar o *Self*; porque Ele é aqui e agora. Se assim não fosse, mas atingível por algum esforço, numa certa altura, e se fosse algo novo que tivesse de ser adquirido não valeria a pena a procura. Porque aquilo que não é natural, também não é permanente. Mas o que eu digo é só que o *Self* está aqui e agora.

D: Uma boneca de sal mergulhada no mar não será protegida por um casaco impermeável. Este mundo onde nós temos de labutar todos os dias é como o oceano.

M: Sim, a Mente é como o casaco impermeável.

D: Então, é possível estar empenhado no trabalho e livre de desejo e manter o isolamento? Mas os deveres da vida deixam pouco tempo para sentar em meditação e mesmo para rezar.

M: Sim. Trabalho executado com apego é uma prisão, enquanto o trabalho realizado com desapego não afecta aquele que trabalha. Ele está só, mesmo enquanto trabalha. Ter empenho no seu dever é o verdadeiro *namaskar...* e permanecer em Deus é a única *asana* verdadeira.

D: Devo, eu, renunciar a minha casa?

M: Se esse fosse o seu destino, a pergunta não teria surgido.

D: Porque é que então Bhagavan deixou sua casa na juventude?

M: Nada acontece, excepto por vontade Divina. Nosso percurso de conduta nesta vida é determinado pelo nosso *prarabdha*.

D: É bom dedicar todo o meu tempo na procura do *Self*? Se isso não for possível, devo eu apenas ficar calado?

M: Se conseguir ficar calado sem se empenhar em qualquer outra procura, é muito bom. Se isso não puder ser feito, onde está a utilidade de estar calado enquanto está em causa a sua realização? Enquanto

uma pessoa é obrigada a estar activa, que não desista de tentar realizar o *Self*.

D: As nossas acções não nos afectam nas vidas futuras?

M: Você nasceu agora? Porque é que pensa noutros nascimentos? O facto é, nem há nascimento nem morte. Deixe aquele que nasce pensar na morte e no paliativo a seguir!

D: Consegue mostrar-nos os mortos?

M: Conhecia os seus parentes antes do nascimento deles, para agora ter de procurar conhecê-los depois das suas mortes?

D: Como é que um *grihastha* se encaixa no esquema de *moksha*? Deve ele tornar-se um mendigo para poder atingir a libertação?

M: Porque é que pensa que você é *grihastha*? O mesmo tipo de pensamentos, de como você é *sannyasin*, irão perturbá-lo, mesmo que vá para fora como *sannyasin*. Quer, continue como chefe de família, ou o renuncie e vá para a floresta, a sua mente vai perturbá-lo. O ego é a fonte do pensamento. Ele cria o corpo e o mundo e o faz pensar como sendo *grihastha*. Se renunciar, ele só irá substituir o pensamento de *sannyasa* pelo de *grihashta*, e o meio ambiente da floresta pelo de chefe de família. Mas os obstáculos da mente estarão lá sempre para si. Eles até aumentam bastante, no novo ambiente. Não é nenhuma ajuda mudar o meio ambiente. O único obstáculo é a mente, tem que ser vencida, seja em casa ou na floresta. Se consegue fazê-lo na floresta, porque não em casa? Por isso, porquê mudar o meio ambiente? Seus esforços podem ser feitos mesmo agora, qualquer que seja o meio ambiente.

D: É possível usufruir *samadhi*, enquanto ocupado no trabalho mundano?

M: O sentimento “eu trabalho” é o obstáculo. Pergunte a si quem trabalha? Lembre-se quem você é. Nessa altura o trabalho não vai aprisioná-lo, vai continuar automaticamente. Não faça nenhum esforço, para trabalhar ou para renunciar, o seu esforço é o obstáculo. O que está destinado a acontecer irá acontecer. Se está destinado a não trabalhar, não pode haver trabalho mesmo que procure; se está destinado a trabalhar não vai conseguir evitá-lo; vai ser forçado a participar nele. Assim, deixe-o para o poder superior; você não pode renunciar ou reter, conforme sua escolha.

D: Ontem Bhagavan disse que enquanto se está ocupado na procura de Deus ‘no interior’, o trabalho ‘exterior’ continua automaticamente. Na vida de Sri Chaitanya, é dito que durante as suas aulas aos estudantes, ele estava realmente à procura de Krishna (*Self*) no interior, esqueceu-se de tudo sobre seu corpo e continuou a falar só de Krishna. Isto traz uma dúvida se o trabalho pode ser largado, em segurança, sobre si. Devemos ter uma atenção parcial sobre o trabalho físico?

M: O *Self* é tudo. Está separado do *Self*? Ou o trabalho pode continuar sem *Self*? O *Self* é universal, por isso todas as acções irão continuar, quer se esforce por estar ocupado nelas ou não. O trabalho irá continuar só por si. Assim, Krishna disse a Arjuna que ele não necessitava de se preocupar em matar os Kauravas; eles já estariam mortos por Deus. Não era para ele completar o trabalho e se preocupar com isso, mas para deixar a sua própria natureza executar a vontade do poder superior.

D: Mas o trabalho poderá sofrer, se eu não cuidar dele.

M: Cuidar do *Self* é cuidar do trabalho. Porque você se identifica com o corpo, pensa que o trabalho é feito por si. Mas o corpo e as suas actividades, incluindo o trabalho, não são separados do *Self*. Que importa se você cuida do trabalho ou não? Supomos que você anda dum lugar ao outro, não cuida dos passos que dá. Apesar disso, depois de um tempo vai encontrar-se no seu destino. Veja como o trabalho de andar, continua sem os seus cuidados. Assim é, também com outro tipo de trabalho.

D: Então é como andar a dormir.

M: Como sonambulismo? Quase isso. Quando uma criança está a dormir profundamente, a mãe dela dá-lhe de comer; a criança come a comida tal como quando está acordada. Mas, na manhã seguinte ela diz à mãe, “Mãe, eu na noite passada não comi”. A mãe e os outros sabem que ela comeu, mas ela diz que não; ela não estava consciente. Apesar disso a acção continuou.

Um viajante numa carroça adormeceu. Os bois movem, param ou estão soltos do jugo durante a viagem. Ele não sabe desses acontecimentos mas encontra-se num lugar diferente ao acordar. Ele esteve felizmente ignorante dos acontecimentos no caminho, mas a viagem chegou ao fim. Da mesma forma com o *Self* da pessoa. O *Self*

sempre-desperto é comparado com o viajante adormecido na carroça. O estado acordado é o mover dos bois; samadhi é eles estarem parados – calmos (porque samadhi quer dizer *jagrat-sushupti*; isso quer dizer, a pessoa está consciente mas não ligada à acção; os bois estão ligados pelo jugo mas não se movem); dormir é o desprender os bois do jugo, porque há uma paragem completa de actividade correspondendo ao descanso dos bois do jugo.

Ou de novo, tomemos o exemplo do cinema. As cenas são projectadas sobre o ecrã na sala de cinema. Mas as imagens em movimento não afectam ou alteram o ecrã. O espectador dá atenção, a elas, não ao ecrã. Elas não podem existir à parte do ecrã, apesar disso, o ecrã é ignorado. Assim também o *Self* é o ecrã onde as imagens, actividades, etc., são vistas a passar. O homem está consciente das imagens, mas não está consciente do ecrã. De toda a forma o mundo das imagens não está separado do *Self*. Quer ele esteja consciente do ecrã ou inconsciente, as acções irão continuar.

D: Mas no cinema há um operador!

M: O espectáculo do cinema é feito de materiais inanimados. A lâmpada, as imagens, o ecrã, etc., são todos insensientes e por isso precisam de um operador, o agente sensiente. Por outro lado, o *Self* é consciência absoluta e por isso independente. Não pode haver um operador separado do *Self*.

D: Eu não estou a confundir o corpo com o operador; antes, estou a referir-me às palavras de Krishna no 61º verso, capítulo XVIII do Gita:

ईश्वरः सर्वभूतानां हृद्देशेऽर्जुन तिष्ठति ।
भ्रामयन्सर्वभूतानि यन्त्रारूढानि मायया ॥

M: As funções do corpo envolvendo a necessidade de um operador, nascem na mente; como o corpo é *jada* ou insensiente, um operador sensiente é necessário. Porque as pessoas pensam que são *jivas*, Krishna disse que Deus reside no coração como operador dos *jivas*. De facto, não há *jivas* e nem operador, como se estivessem fora delas; o *Self* inclui tudo. É o ecrã, as imagens, o espectador, os actores, o operador, a luz, o cinema (edifício) e tudo o resto. Confundir o *Self* com o corpo e imaginar-se o actor, é como o espectador, a representar-

se a ele próprio, como um actor no cinema. *Imagine o actor perguntar se pode representar uma cena sem o ecrã!* Tal é o caso do homem que pensa nas suas acções separadas do *Self*.

D: Por outro lado, *é como pedir ao espectador para representar no filme.* Então, temos de aprender a ‘dormir-acordados’!

M: Acções e estados são conforme o ponto de vista de cada um. Um corvo, um elefante, uma cobra, cada um, utiliza um órgão para dois propósitos alternados. Com um olho, o corvo vê dos dois lados; para o elefante, a tromba serve o propósito de uma mão e de um nariz, e a cobra com os seus olhos, vê tanto como ouve. Se diz que o corvo tem um olho ou olhos, se refere a tromba do elefante como mão ou nariz, ou se chama ao olho da cobra, os seus ouvidos ou olhos, tudo isso tem o mesmo significado. Da mesma forma, no caso do *jnani*, dormir acordado, ou acordar-dormir, ou sonhar-dormir ou sonhar acordado é quase a mesma coisa.

D: Mas nós temos de lidar com o corpo físico, num mundo físico acordado! Se nós dormirmos enquanto o trabalho está a prosseguir, ou tentarmos trabalhar enquanto dormimos, o trabalho correrá mal.

M: Dormir não é ignorância, é o nosso estado puro, acordar não é conhecimento, é ignorância. Há total consciência no sono e total ignorância no acordar. Sua verdadeira natureza cobre ambos e estende-se para além. O *Self* está para além de ambos, conhecimento e ignorância. Estados de dormir, sonhar e acordar são só etapas, que passam perante o *Self*: eles continuam quer você esteja consciente deles, ou não. Esse é o estado de *jnani*, no qual passam os estados de *samadhi*, acordar, sonhar e sono profundo como os bois em movimento, parados ou a serem soltos do jugo enquanto o passageiro está a dormir. Estas respostas são do ponto de vista do *ajnani*; doutra forma tais perguntas não iriam surgir.

D: Claro, elas não podem surgir para o *Self*. Quem estaria lá para perguntar? Mas infelizmente eu ainda não realizei o *Self*.

M: Esse é o obstáculo no seu caminho. Deve-se livrar da ideia que é um *ajnani* e ainda tem de realizar o *Self*. Você é o *Self*. Houve alguma ocasião em que não estivesse consciente do *Self*?

D: Então, nós temos de experimentar dormir-acordados...ou em sonhar de dia?

M: (Riu-se)

D: Eu mantenho que o corpo físico do homem imerso em *Samadhi*, como resultado da contemplação contínua do *Self*, poderá tornar-se imóvel por essa razão. Ele poderá estar activo ou inactivo. A mente estabelecida em tal contemplação não será afectada pelos movimentos do corpo ou dos sentidos; nem a perturbação da mente será precursora da actividade física. Por outro lado, outra pessoa afirma que a actividade física certamente impede o *samadhi* ou a contemplação contínua. Qual é a opinião do Bhagavan? O Sr. é a prova real da minha afirmação.

M: Os dois estão certos; você refere-se ao *sahaja nirvikalpa samadhi* e a outra pessoa refere-se a *kevala nirvipalka samadhi*. No último caso, a mente fica embebida na luz do *Self* (enquanto a mente fica na escuridão da ignorância em sono profundo); e o sujeito faz uma distinção entre *samadhi* e actividade depois de acordar do *samadhi*. Mais ainda, actividade do corpo, da visão, das forças vitais e da mente e da cognição dos objectos, todas elas são obstruções para aquele que procura realizar *kevala nirvipalka samadhi*.

No *sahaja samadhi*, todavia, a mente dissolve no *Self* e desvanece. As diferenças e obstruções acima mencionadas não existem, por isso, aqui; As actividades desse tipo de ser, são como dar de comer ao rapaz a dormir, perceptível para quem está a ver mas não para o sujeito. O viajante a dormir na carroça em andamento não está consciente do movimento da carroça porque a mente dele está embebida na escuridão. Enquanto, o *sahaja jnani* permanece inconsciente das suas actividades físicas porque a sua mente está morta, tendo sido resolvida no êxtase de *chidananda* (felicidade do *Self*).

Nota: A distinção entre dormir, *kevala nirvikalpa samadhi* e *sahaja nirvikalpa samadhi* pode ser exposta claramente em forma de quadro, como dada por Sri Bhagavan:

A dormir	<i>Kevala nirvikalpa samadhi</i>	<i>Sahaja nirvikalpa samadhi</i>
mente viva	mente viva	mente morta
embebida no esquecimento	embebida na luz como um balde atado à corda e deixado na água	resolvida no <i>Self</i> como um rio liberto no oceano e a sua

	num poço de ser retirado por outra ponta da corda	identidade perdida um rio não pode ser redireccionado do oceano
--	---	--

A mente do Sábio que realizou o *Self* fica totalmente destruída. Ela está morta. Mas para aquele que está a ver, ele poderá parecer possuir uma mente tal como a do homem comum. Por isso, o Eu no Sábio só tem uma realidade objectiva aparente. De facto, mesmo assim, ele não tem nem uma existência subjectiva nem uma realidade objectiva.

II

SILÊNCIO e SOLIDÃO

D: O voto de silêncio é útil?

M: O silêncio interno é auto-rendição. E isso é viver sem o sentido do ego.

D: A solidão é necessária para um *sannyasin*?

M: A solidão está na mente do homem. Alguém pode estar no meio do mundo e mesmo assim manter uma perfeita serenidade da mente, tal pessoa está sempre em solidão. Outra pessoa poderá permanecer na floresta, mas mesmo assim não conseguir controlar sua mente. Essa não se poderá dizer que esteja em solidão. Solidão é uma atitude da mente; um homem apegado às coisas da vida não pode ter solidão onde quer que esteja, um homem desapegado está sempre em solidão.

D: O que é *mauna*?

M: Aquele estado que transcende a palavra e pensamento é *mauna*; é a meditação sem actividade mental. Subjugação da mente é meditação; profunda meditação é linguagem eterna. Silêncio é falar sempre; é o fluxo permanente da linguagem. É interrompido pelo falar, porque as palavras obstruem esta linguagem muda. Palestras poderão entreter indivíduos muitas horas sem os desenvolver. Silêncio, por outro lado, é permanente e beneficia toda a humanidade.....Pelo silêncio, entende-se a eloquência. As palestras não são tão eloquentes como o silêncio. Silêncio é eloquência contínua..... É a melhor linguagem.

Há um estado em que as palavras terminam e o silêncio permanece.

D: Como podemos então comunicar nossos pensamentos uns aos outros?

M: Isso torna-se necessário se o sentido de dualidade existir....

D: Porque é que Bhagavan não vai aos sítios e ensina a Verdade às pessoas em geral?

M: Como é que sabe que eu não estou fazer isso? Será que ensinar consiste em montar um palco e discursar para as pessoas à volta? Ensinar é a comunicação simples do conhecimento; isso só pode ser feito em silêncio. O que acha dum homem que ouve um sermão por

uma hora e vai-se embora sem ter sido impressionado para que a sua vida mude? Compare-o com outro que se senta na presença sagrada e se vai embora depois de algum tempo, com o seu olhar sobre a vida totalmente modificado. Qual é melhor, ensinar em voz alta sem efeito, ou sentar em silêncio, enviando força interior?

De novo, como é que o falar surge? Há o conhecimento abstracto, donde surge o ego, que por sua vez dá origem ao pensamento e o pensamento à palavra falada. Assim, a palavra é neta da fonte original. Se a palavra pode produzir efeito, avalie por si, quão mais poderoso deverá ser ensinar através do silêncio. Mas as pessoas não percebem esta verdade simples e crua, a verdade de todos os seus dias, sempre presente, a experiência eterna. Essa verdade é a do *Self*. Há alguém que seja inconsciente do *Self*? Mas elas não gostam mesmo de ouvir esta verdade, enquanto estão ansiosas para saber o que fica além, sobre o paraíso, inferno e reencarnação.

Porque gostam de mistério e não da verdade, as religiões servem-lhes para eventualmente as trazer de volta ao *Self*. Qualquer que seja o meio adoptado, no fim, terá de voltar ao *Self*: por isso, porque não permanecer no *Self*, aqui e agora? Ser espectador, ou especular sobre o outro mundo, o *Self* é necessário; por isso elas não são diferentes do *Self*. Mesmo um homem ignorante quando vê objectos, só vê o *Self*.

III

CONTROLO da MENTE

D: Como é que eu posso controlar a mente?

M: Não há mente para controlar se o *Self* for realizado. O *Self* ilumina quando a mente se dissipa. No ser realizado, a mente poderá estar activa ou inactiva, só o *Self* existe. Porque a mente, o corpo e o mundo não estão separados do *Self*; e não conseguem ficar à parte do *Self*. Podem eles ser outros que o *Self*? Quando consciente do *Self*, porque é que alguém tem de se preocupar com estas sombras? Como é que elas afectam o *Self*?

D: Se a mente é só uma sombra como é que se conhece o *Self*?

M: O *Self* é o Coração, auto-luminoso. Iluminação surge do coração e chega ao cérebro que é o assento da mente. O mundo é visto através da mente; assim você vê o mundo através da luz reflectida do *Self*. O mundo é percebido por um acto da mente. Quando a mente está iluminada ela está consciente do mundo; quando ela não está iluminada, ela não está consciente do mundo.

Se a mente for voltada para dentro, para a fonte da iluminação, o conhecimento objectivo cessa e o *Self*, só, brilha como o coração.

A lua brilha ao reflectir a luz do sol. Quando o sol se põe, a lua é útil para mostrar os objectos. Quando o sol nasce ninguém precisa da lua, apesar, do seu disco ser visível no céu. Assim é com a mente e o coração. A mente torna-se útil ao reflectir a sua luz. Ela é utilizada para ver os objectos. Quando voltada para dentro, ela funde na fonte da iluminação que brilha por si própria e é nessa altura que a mente é como a lua durante o dia.

Quando está escuro, uma lanterna é necessária para dar luz. Mas quando o sol nasce, não há necessidade de lanterna; os objectos são visíveis. E para ver o sol não é preciso lanterna nenhuma; é suficiente voltar os olhos na direcção do sol auto-luminoso. Da mesma forma com a mente; para ver objectos a luz reflectida da mente é necessária. Para ver o coração é suficiente que a mente se volte para ele. Então a mente não conta e o coração é auto- resplandecente.

D: Depois de deixar este Ashram em Outubro, fiquei consciente da Presença que prevalece na presença de Sri Bhagavan, envolvendo-me por cerca de 10 dias. Todo o tempo, enquanto ocupado no meu trabalho, havia uma corrente de fundo dessa paz na unidade; era quase como uma consciência dupla que se experiencia quando meio adormecido numa palestra desinteressante. Depois ela diminuiu completamente e as parvoíces antigas voltaram. O trabalho não deixa tempo para a meditação separada. É suficiente, relembrar, constantemente, “Eu Sou”, durante o trabalho?

M: *(Depois de uma curta pausa)* Se reforçar a mente, essa paz vai continuar todo o tempo. A sua duração é proporcional à força da mente adquirida pela prática repetida. Só esse tipo de mente tem capacidade de permanecer na corrente. Nesse caso, ocupado ou não ocupado no trabalho, a corrente permanece não afectada e ininterrupta. Não é o trabalho que entrava, mas sim a ideia de que é você que o está a fazer.

D: É necessário praticar meditação sentada (programada) para reforçar a mente?

M: Não, não será necessário; se tiver sempre presente a ideia que esse não é o seu trabalho. No início, é preciso esforçar para se lembrar disso, mas depois torna-se natural e contínuo. O trabalho irá continuar por si mesmo e a paz irá permanecer imperturbada. Meditação é a sua verdadeira natureza. Agora, chama-lhe meditação, porque há outros pensamentos a distraí-lo. Quando esses pensamentos forem dissipados, você fica só – isto é, no estado da meditação livre dos pensamentos; e essa é sua verdadeira natureza, a qual está agora a tentar obter ao manter longe outros pensamentos. O manter longe outros pensamentos é agora chamado meditação. Mas quando a prática se torna firme, a verdadeira natureza evidencia-se, como verdadeira meditação.

D: Outros pensamentos surgem com mais força quando se tenta meditar!

M: Sim, todo o tipo de pensamentos surgem durante a meditação. Isso é certo; porque aquilo que está escondido em si vem para cima. Sem que isso venha para cima, como é que pode ser destruído? Pensamentos aparecem espontâneamente, mas só para serem apagados no devido tempo, fortalecendo, desta forma, a mente.

D: Há alturas em que pessoas e coisas assumem uma forma vaga quase transparente, como num sonho. Deixamos de as observar como sendo fora, mas estamos passivamente conscientes da existência delas, enquanto não estivermos activamente conscientes de algum tipo de ego. Há uma profunda calma na mente. É nessa altura que uma pessoa está pronta para mergulhar no *Self*? Ou essa é uma condição pouco saudável, resultante da auto-hipnose? Deve ser encorajada como sendo complacente à paz temporária?

M: Há consciência juntamente com calma na mente, esse é exactamente o estado a desejar. O facto é que a pergunta foi formulada sobre este ponto, sem realizar, que isso é o *Self*, o que mostra que o estado não é estável, mas sim casual. A palavra “mergulhar” é apropriada quando a mente tem tendência de ir para o exterior e por isso, tem de ser direccionada e voltada para dentro; há um mergulho por baixo da superfície das externalidades. Mas quando a calma prevalece sem obstruir a consciência, onde está a necessidade de mergulhar? Se esse estado não for realizado como sendo o *Self*, o esforço de fazer isso poderá ser chamado “mergulhar”. Nesse sentido, poderá ser dito, que o estado será aconselhável para a realização ou para mergulhar. Desta forma, as últimas duas perguntas que levantou, não surgem.

D: A mente continua a sentir-se parcial perante crianças, possivelmente porque a forma da criança é muitas vezes usada para personificar o Ideal. Como é que essa preferência pode ser vencida?

M: Permaneça no *Self*. Porquê pensar nas crianças e nas suas reacções para com elas?

D: Esta terceira visita a Tiruvannamalai parece ter intensificado em mim, o sentido de egoísmo, e tornado menos fácil a meditação. Esta é uma fase pouco importante ou um sinal que devo evitar tais lugares daqui em diante?

M: É imaginário. Este lugar ou outro está dentro de si. Tal imaginação deve acabar porque o lugar, como tal, não tem nada a ver com as actividades da mente. Também o seu meio ambiente, não é uma questão só da sua escolha individual, está lá como natural e você deve elevar-se acima dele e não se deixar enredar nele.

Um rapaz de oito anos e meio sentou-se na sala, cerca das cinco da tarde, quando Sri Bhagavan subiu à montanha. Durante a Sua

ausência, o rapaz falou sobre *yoga* e *Vedanta* em Tamil simples, puro e literário, citando livremente palavras dos santos e das escrituras sagradas. Quando Sri Bhagavan entrou na sala, depois de quase três quartos de hora, só o silêncio prevalecia. Por vinte minutos o rapaz sentou na presença de Sri Bhagavan, não falou nem uma palavra, mas só olhava fixamente para Ele. Depois, as lágrimas caíram dos seus olhos. Ele limpou-as com a mão esquerda e logo a seguir deixou o lugar dizendo que ainda espera a Auto-realização.

D: Como podemos explicar a característica extraordinária do rapaz?

M: Nele, as características da sua última vida são fortes. Mas quão fortes elas sejam, não se manifestam, salvo numa mente calma e quieta. É dentro da experiência de todas as tentativas de reavivar a memória, que às vezes falham, enquanto algo faz luz na mente quando esta está calma e em silêncio.

D: Como é que a mente rebelde se pode tornar calma e tranquila?

M: Veja a sua fonte para que ela desapareça, ou renda-se para que ela seja eliminada. Auto-rendição é o mesmo que Auto-conhecimento e ambos implicam necessariamente auto-controlo. O ego só se rende quando reconhece o Poder Superior.

D: Como é que posso escapar do *samsara* que parece ser a verdadeira causa para a mente não ter repouso? Renúncia não é um meio efectivo para realizar a tranquilidade da mente?

M: *Samsara* só está na sua mente. O mundo não fala, dizendo “Aqui estou Eu, o mundo”! Se ele fizesse isso, estaria sempre lá, fazendo sentir a sua presença, por si mesmo, no seu sono. Seja como for, como ele não está durante o sono, ele é impermanente. Sendo impermanente, ele carece de substância. Não tendo realidade separada do *Self*, ele é facilmente subjugado pelo *Self*. Só o *Self* é permanente. Renúncia é não-identificação do *Self* com o não-*Self*. Quando a ignorância que identifica o *Self* com o não-*Self* é removida, o não-*Self* deixa de existir e essa é a verdadeira renúncia.

D: Não podemos realizar acções sem apego, mesmo na ausência desse tipo de renúncia?

M: Só um *atma jnani* pode ser um bom *karma yogi*.

D: O Bhagavan condena a Filosofia *dvaita* (da dualidade)?

M: *Dvaita* só pode subsistir quando você identifica o *Self* com o não-*Self*. *Advaita* é não-identificação.

IV

BHAKTI e JNANI

D: Sri Bhagavata destaca uma via de encontrar Krishna no coração, ao prosternar a todos e ao ver em todos o Próprio Senhor. É esse o caminho certo que conduz à Auto-realização? Não será mais fácil adorar Bhagavan no que quer que venha ao encontro da mente, do que procurar o supra-mental, através da investigação mental, “Quem sou Eu?”

M: Sim, quando vê Deus em todos, pensa em Deus ou não? Certamente pensa em Deus para ver Deus a toda a sua volta. Guardar Deus na mente torna *dhyana* e *dhyana* é o estado antes da Realização. Realização só pode ser no e do *Self*. Nunca pode ser separada do *Self*; e *dhyana* deve precedê-la. Quer, faça *dhyana*, em Deus ou no *Self* é irrelevante; porque a finalidade é a mesma. Não consegue, de nenhuma forma, escapar do *Self*. Quer ver Deus em todos, mas não em si? Se *tudo* é Deus, você não está incluído nesse todo? Sendo Deus, você mesmo, é de admirar que tudo seja Deus? Esse é o método aconselhado no *Sri Bhagavata*, e noutros textos por outros. Mas mesmo nessa prática tem de haver o observador ou o pensador. Quem é ele?

D: Como ver Deus que é omnipresente?

M: Ver Deus é ser Deus. Para Deus estar presente, não há ninguém à parte Dele. Só Ele é.

D: Devemos ler *Gita* de vez em quando?

M: Sempre.

D: Qual é a relação entre *jnana* e *bhakti* ?

M: O estado natural, eterno e inteiro de permanecer no *Self* é *jnana*. Permanecer no *Self* é amar o *Self*. Como Deus é, na verdade o *Self*, o amor do *Self* é o amor de Deus; e isso é *bhakti*. *Jnana* e *Bhakti* são, assim, um e o mesmo.

D: Ao fazer *nama japa* por uma hora ou mais, caio num estado de, como a dormir. Ao acordar, relembro que meu *japa* foi interrompido. Assim, tento outra vez.

M: ‘Como a dormir’, é certo. É o estado natural. Porque agora está associado com o ego, você considera que o estado natural é algo que interrompe o seu trabalho. Por isso, deve repetir a experiência até realizar, que é esse o seu estado natural. Aí vai perceber que o *japa* lhe é alheio, mas mesmo assim irá continuar automaticamente. A sua dúvida actual relaciona-se com essa falsa identidade, nomeadamente de se identificar com a mente que faz o *japa*. *Japa* quer dizer agarrar a um pensamento para exclusão de todos os outros pensamentos. Esse é o seu propósito. Leva ao *dhyana* que por sua vez acaba em Auto-realização ou *jnana*.

D: Como devo continuar com o *nama japa*?

M: Não se deve usar superficial e mecânicamente, o nome de Deus, sem o sentido de devoção. Para usar o nome de Deus tem de o evocar com grande vontade e entregar-se, sem reservas a Ele. Só depois dessa entrega é que o nome de Deus estará constantemente com o homem.

D: Onde está então, a necessidade de investigar ou *vichara*?

M: Entrega só pode ter efeito quando é feita com conhecimento total do que é que a entrega significa, na realidade. Tal conhecimento vem depois da investigação e reflexão e acaba invariavelmente na auto-entrega. Não há diferença entre *jnana* e entrega absoluta ao Senhor, no pensamento, palavra e acção. Para ser completa, a entrega deve ser sem dúvidas; o devoto não pode regatear com o Senhor ou pedir favores das Suas mãos. Esse tipo de entrega total inclui tudo; é *jnana* e *vairagya*, devoção e amor.

V

***SELF* e INDIVIDUALIDADE**

D: A morte não dissolve a individualidade duma pessoa, para que não haja renascimento, tal como os rios que desaguam no oceano perdem a sua individualidade?

M: Mas quando as águas evaporam e voltam como chuva nos montes, mais uma vez elas formam rios e desaguam no oceano; assim também as individualidades perdem o sentido de separação durante o sono, e apesar disso voltam como indivíduos na conformidade dos seus *samskaras* ou tendências do passado. Assim é, na morte; e a individualidade da pessoa com *samskaras* não se perde.

D: Como é que pode ser assim?

M: Veja como uma árvore cujos ramos foram cortados, cresce de novo. Enquanto as raízes da árvore estiverem ilesas, a árvore irá continuar a crescer. Da mesma forma, os *samskaras* só fundem no coração na altura da morte, mas não desaparecem por isso, ocasionando o renascimento, na altura certa; e é assim que os *jivas* renascem.

D: Como é que os inúmeros *jivas* e o vasto universo, cuja existência está correlacionada com a existência dos *jivas*, nascem dos subtis *samskaras* fundidos no coração?

M: Tal como uma árvore de *banyan* brota de uma pequena semente, assim também os *jivas* e todo o universo, com nome e forma, brotam dos subtis *samskaras*.

D: Como é que a individualidade emana do *Self* Absoluto e como é que o seu retorno se torna possível?

M: Tal como uma faísca, procede do fogo, a individualidade emana do *Self* Absoluto. A faísca chama-se ego. No caso do *ajnani*, o ego identifica-se com algum objecto, em simultâneo com o seu surgimento. Ele não consegue ficar sem essa associação com objectos. Essa associação é devido ao *ajnana*, e cuja destruição é o objectivo dos nossos esforços. Se essa tendência de se identificar com objectos é destruída, o ego torna-se puro e funde na fonte. A identificação falsa

de nós com o corpo é *dihatama - buddhi* ou a ideia - ‘eu-sou-o-corpo’. Isso tem de desaparecer antes do aparecimento de bons resultados.

D: Como é que eu posso erradicar isso?

M: Você existe em *sushupti* sem estar associado com o corpo e a mente, mas nos outros dois estados, está associado com eles. Se era um com o corpo, como é que pode existir sem o corpo, em *sushupti*? Você pode separar-se do que lhe é externo, mas não do que está unido a si. Por isso, o ego não pode ser um com o corpo. Isso tem de ser compreendido no estado acordado. Os três estados são estudados para se obter esse conhecimento.

D: Como é que o ego estando confinado a dois dos estados, vai conseguir realizar Aquilo, que engloba os três estados?

M: O ego na sua pureza é experienciado nos intervalos entre dois estados, ou entre dois pensamentos. O ego é como um verme que só larga um lado depois de ter agarrado o outro. A sua verdadeira natureza é conhecida quando está fora do contacto com os objectos ou pensamentos. Deve entender esse intervalo como a Realidade permanente e imutável, o seu verdadeiro Ser, através da convicção obtida pelo estudo dos três estados, *jagrat*, *svapna*, e *sushupti* (acordado, a sonhar, em sono profundo).

D: Será que não posso permanecer em *sushupti*, o tempo que quiser e permanecer nele à vontade, tal como quando estou no estado acordado? Qual é a experiência do *jnani* sobre estes três estados?

M: *Sushupti* existe, também, no seu estado acordado. Você está na *sushupti*, mesmo agora. Deve-se entrar e alcançá-lo conscientemente, mesmo neste estado acordado. Não há um verdadeiro entrar e sair dele. Estar consciente de *sushupti* no estado acordado é *jagrat-sushupti* e isto é *samadhi*.

O *ajnani* não consegue ficar muito tempo em *sushupti*, porque é forçado pela sua natureza a emergir dele. O seu ego não está morto e irá levantar de novo e de novo. Mas o *jnani* esmaga o ego na sua fonte. Poderá parecer às vezes, também neste caso, que ele emerge, como se empurrado por *prarabdha*. Isto é, também no caso de um *jnani*, para todos os efeitos externos, *prarabdha*, irá parecer sustentar ou manter o ego, tal como no caso de *ajnani*; mas existe essa diferença fundamental, o ego do *ajnani* quando surge (na verdade tem diminuído, excepto em sono profundo) é praticamente ignorante da

sua fonte, noutras palavras, o *ajnani* não está consciente do seu *sushupti*, quando a sonhar ou acordado; no caso do *jnani*, pelo contrário, o aparecimento ou existência do ego é só aparente, e ele usufrui continuamente da sua experiência transcendente, apesar do surgimento ou existência aparente do ego, mantendo sempre, a sua atenção (*lakshya*), na fonte. Esse ego é inofensivo, é só como o esqueleto de uma corda queimada – apesar de manter a forma, é inútil para atar algo. Ao manter constantemente a atenção na Fonte, o ego é dissolvido nessa Fonte, como uma boneca de sal no mar.

D: Qual o significado de crucificação?

M: O corpo é a cruz. Jesus, o filho do homem é o ego ou a ideia – ‘Eu-sou-o-corpo’. Quando o filho do homem é crucificado sobre a cruz, o ego desaparece, e o que sobrevive é o Ser Absoluto. É a ressurreição do glorioso *Self*, de Cristo – o filho de Deus.

D: Mas como é que se justifica a crucificação? Matar, não é um crime terrível?

M: Todos estão a cometer suicídio. O eterno estado natural, cheio de felicidade, tem sido sufocado por esta vida ignorante. Deste modo, esta vida presente deve-se à morte da eterna existência positiva. Não é, na verdade, um caso de suicídio? Assim, para quê preocupar-se com matar, etc.?

D: Sri Ramakrishna diz que *nirvikalpa samadhi* não pode durar mais do que 21 dias, se persistir mais tempo, a pessoa morre. É de facto, assim?

M: Quando *prarabdha* se esgota, o ego dissolve-se completamente, sem deixar qualquer vestígio para trás. Essa é a libertação final (*nirvana*). Sem *prarabdha* se esgotar, o ego irá surgir como *pode parecer* no caso de *jivanmuktas*.

VI

AUTO-REALIZAÇÃO

D: Como é que posso alcançar a Auto-realização?

M: Realização não é algo a obter de novo, ela já lá está. Tudo o que é necessário é livrar-se do pensamento, ‘Eu não realizei’.

Calma ou paz é Realização. Não há nenhum momento em que o *Self* não seja. Enquanto existir dúvida ou o sentimento de não realização, deve ser feita a tentativa para se livrar desses pensamentos. Eles estão lá, devido à identificação do *Self* com o não-*Self*. Quando o não-*Self* desaparecer, só o *Self* fica. Para haver espaço, só é preciso remover o que limita; o espaço não vem de outro sítio.

D: Como a Realização não é possível sem *vasana-kshaya*, como é que posso realizar esse Estado, no qual as *vasanas* são efectivamente destruídas?

M: Você está nesse Estado agora!

D: Quer isso dizer que ao segurar no *Self*, as *vasanas* devem ser destruídas, como, e quando surgem?

M: Elas se destruirão a elas próprias se você permanecer tal como é.

D: Como é que posso alcançar o *Self*?

M: Não há alcançar o *Self*. Se o *Self* fosse para ser alcançado, isso significaria que o *Self* não estaria aqui e agora, mas que ainda estaria por obter. O que se ganha de novo, também será perdido. Por isso, será impermanente. Não vale a pena lutar pelo que não é permanente. Assim, Eu digo que o *Self* não é alcançável. Você é o *Self*; você já é Isso.

O facto é que você está na ignorância do seu estado de felicidade. Ignorância sobrepõe e cria um véu sobre o *Self* puro que é a Felicidade. Tentativas são direccionadas só para remover o véu da ignorância que é um conhecimento errado. O conhecimento errado é a identificação falsa do *Self* com o corpo, a mente, etc. Essa identificação Falsa deve desvanecer, então só o *Self* permanece.

Por isso, a Realização é para todos. A Realização não distingue entre os aspirantes. A própria dúvida, sobre se pode realizar e a noção ‘eu

não realizei’, são em si, os obstáculos. Livre-se também destes obstáculos.

D: Qual é a utilidade do *samadhi*, e se o pensamento subsiste nessa altura?

M: *Samadhi* só pode revelar a Verdade. Pensamentos criam um véu sobre a Realidade, e por isso, Ele não se realiza como tal, noutros estados, que não sejam o de *samadhi*.

Em *Samadhi* apenas existe a sensação, ‘Eu Sou’ e nenhum pensamento. Experienciar ‘Eu Sou’ é permanecer imóvel.

D: Como é que posso repetir a experiência de *samadhi* ou de calma que obtenho aqui?

M: A sua presente experiência deve-se à influência da atmosfera em que se encontra. Pode ter essa experiência fora desta atmosfera? A experiência é intermitente. Até que ela torne permanente, a prática é necessária.

D: Às vezes temos *flashes* vívidos duma consciência cujo centro está fora do *Self normal*, e que parece tudo incluir. Sem nos preocuparmos com conceitos filosóficos, como é que Bhagavan me aconselha a trabalhar, para obter, reter e prolongar esses *flashes* raros. *Abhyasa*, em tal experiência, implica retirar?

M: Fora! Para quem é o fora e o dentro? Eles só podem existir se houver sujeito e objecto. De novo, para quem são estes dois? Ao investigar vai perceber que eles se resolvem só no sujeito. Veja quem é o sujeito; e essa pesquisa leva-o à Consciência pura, para além do sujeito.

O *Self* normal é a mente. Esta mente tem limitações. Mas a Consciência Pura está além das limitações, e chega-se a ela através da investigação, como acima mencionado.

Ter: O *Self* está sempre lá. Só tem que remover o véu que obstrui a revelação do *Self*.

Reter: Uma vez que realiza o *Self*, esta torna-se a sua directa e imediata experiência. Nunca se perde.

Extensão: Não há extensão do *Self*, porque ele é como sempre, sem contracção ou expansão.

Retirar: Permanecer no *Self* é solidão. Porque não há nada à parte do *Self*. Retirar tem de ser de algum sítio ou estado, para outro. Não há,

nem um nem outro à parte do *Self*. Se *Tudo* é *Self*, retirar, é impossível e inconcebível.

Abhyasa é só a prevenção do distúrbio à Paz inerente. Você está sempre, no seu Estado natural quer faça *abhyasa*, ou não...Permanecer tal como é, sem questionar ou duvidar, é o seu Estado natural.

D: Ao realizar *samadhi*, não se obtém também *siddhis*?

M: Para poder exibir *siddhis*, tem de haver outros para os reconhecer. Isso quer dizer que não há *jnana* em quem os exhibe. Por isso, os *siddhis*, não merecem nem um pensamento; *jnana* é a única meta a ter e obter.

D: A minha Realização ajuda outros?

M: Sim, e é a melhor ajuda que possivelmente poderá dar aos outros. Aqueles que descobriram grandes verdades fizeram-no na profundidade calma do *Self*. Mas na verdade não há ‘outros’ para serem ajudados. Porque o ser Realizado só vê o *Self*, tal como o ourives só vê o ouro, enquanto o avalia, em várias jóias feitas de ouro. Quando se identifica a si com o corpo, o nome e a forma estão lá. Mas quando transcende a consciência corpórea, os ‘outros’, também desaparecem. Alguém Realizado não vê o mundo como diferente de Si.

D: Não seria melhor se os santos se misturassem com os outros?

M: Não há ‘outros’ com quem misturar. *Self* é a única Realidade.

D: Não devo eu tentar ajudar o mundo em sofrimento?

M: O Poder que o criou, também criou o mundo. Se ele pode tomar conta de si, da mesma forma pode cuidar do mundo também...se Deus criou o mundo, é Sua tarefa olhar por ele, não sua.

D: Não é nosso dever sermos patriotas?

M: O seu dever é ‘ser’ e não ser isto ou aquilo. ‘EU SOU O QUE SOU’ (‘I AM THAT I AM’) espelha toda a verdade; o método resume-se em ‘*estar calmo*’.

E o que significa calma? Significa ‘destruir o ego’, porque todo nome e forma é causa de problema. ‘Eu-Eu’ é o *Self*. ‘Eu sou isto’ é o ego. Quando o ‘Eu’ se mantém como só ‘Eu’, é o *Self*. Quando voa para fora, numa tangente e diz ‘eu sou isto ou aquilo, eu sou tal ou tal’, é o ego.

D: Quem é então Deus?

M: *Self* é Deus. 'Eu Sou' é Deus. Se Deus estiver separado do *Self*, Ele deve ser um Deus sem *Self*, o que é absurdo. Tudo o que é exigido para realizar o *Self* é permanecer calmo. O que poderá ser mais fácil do que isso? Por isso *atma vidya* é o mais fácil de obter.

VII

GURU e SUA GRAÇA

D: O que é *guru kripa*? Como é que conduz à Auto-Realização?

M: Guru é o *Self*.... Às vezes, durante a vida, um homem torna-se insatisfeito e não contente com o que tem, e procura satisfazer os seus desejos, através da oração a Deus, etc. A sua mente é gradualmente purificada até ele ter vontade de conhecer Deus, mais para obter a Sua graça, do que para satisfazer os seus desejos mundanos. Nessa altura a Graça de Deus começa a manifestar-se. Deus toma a forma de Guru e aparece ao devoto, ensina-lhe a Verdade e mais ainda, purifica a sua mente, por associação. A mente do devoto ganha força e nessa altura consegue voltar para o interior. Pela meditação, a mente é ainda mais purificada e permanece calma sem nenhuma ondulação. Essa expansão da calma é o *Self*.

O Guru é tanto 'externo' como 'interno'. Do exterior, Ele dá um empurrão à mente para voltar para dentro, do interior, Ele puxa a mente para o *Self* e ajuda a acalmar a mente. Isso é *guru kripa*. Não há qualquer diferença entre Deus, Guru e o *Self*.

D: Na Sociedade Teosófica meditam para conseguirem encontrar Mestres para os guiar.

M: O Mestre está dentro. Meditação é feita para remover a ideia ignorante que Ele só está fora. Se Ele é um estranho que você espera, é certo que Ele vai desaparecer também. Onde está a utilidade desse tipo de ser transitório? Mas, enquanto pensar que é separado, ou que é corpo, também será necessário o Mestre 'externo' e Ele vai aparecer como se tivesse um corpo. Quando a identificação errada de nós sermos o corpo é eliminada, o Mestre será encontrado, como nenhum outro que o *Self*.

D: Será que o Guru nos vai ajudar a conhecer o *Self* através da iniciação, etc.?

M: O Guru segura-o pela mão e sussurra-lhe ao ouvido? Pode imaginar Ele ser o que você próprio é. Porque você pensa que está com um corpo, pensa que Ele também tem um corpo para fazer algo concreto para si. O trabalho Dele reside dentro, no reino espiritual.

D: Como é que se encontra o Guru?

M: Deus que é eminente, na Sua graça, tem pena do devoto amado e manifesta-se, Ele Próprio, conforme o desenvolvimento do devoto. O devoto pensa que Ele é um homem e espera uma relação como sendo entre dois corpos físicos. Mas o Guru que é Deus ou *Self* incarnado, trabalha de dentro, ajuda o homem a ver o erro nos seus modos e guia-o no caminho certo, até ele realizar o *Self*, dentro.

D: O que é que o devoto deve fazer então?

M: Ele só tem de actuar de acordo com as palavras do Mestre e trabalhar no interior. O Mestre está tanto no ‘interior’, como no ‘exterior’, assim Ele cria as condições para o levar para dentro e ao mesmo tempo, prepara o ‘interior’ para o levar para o Centro. Assim, Ele dá um empurrão ‘de fora’ e exerce um puxar ‘por dentro’, para que você se fixe no Centro.

Você pensa que o mundo pode ser conquistado pelos seus próprios esforços. Quando está frustrado exteriormente e é conduzido para dentro, você sente “Oh! Há um Poder superior ao homem!”

O ego é como um elefante muito poderoso, que não consegue ser dominado por nada menos poderoso que um leão, o qual neste caso, é não outro que o Guru, cujo próprio olhar, faz o elefante, como o ego, tremer e morrer.

Irá saber, no devido tempo, que a sua glória está onde (o ego) deixa de existir. Para poder obter esse estado, deve render-se. Então o Mestre vê que você está no estado adequado para receber orientação e Ele o guia.

D: Como é que o silêncio do Guru, que não dá iniciação, nem faz nenhum outro acto concreto, pode ser mais poderoso que a Sua palavra, etc.? Como é que tal silêncio é melhor do que o estudo das escrituras sagradas?

M: Silêncio é a forma mais poderosa de trabalho. Por muito vastas e enfáticas que as escrituras possam ser, elas falham no seu efeito. O Guru é silencioso e a Graça prevalece em tudo. Este silêncio é mais vasto e enfático que todas as escrituras juntas.

D: Mas, o devoto pode obter felicidade?

M: O devoto entrega-se, ele próprio, ao Mestre e isso quer dizer que não há vestígio de individualidade retida por ele. Se a entrega é

completa, todo o sentido do eu, perde-se e nessa altura não pode haver tristeza ou miséria.

O Ser eterno é só felicidade. Isso surge como uma revelação.

D: Como é que posso obter a Graça?

M: A Graça é *Self*. Esse também não é preciso adquirir, só precisa de saber que ele existe.

O sol é só brilho. Ele não vê a escuridão. Apesar disso, diz-se que a escuridão foge com a aproximação do sol. Assim, também a ignorância do devoto, como o fantasma da escuridão, desaparece com o olhar do Guru. Você está cercado pela luz do sol; e apesar disso se quiser ver o sol, tem de voltar na sua direção e olhar para ele. Assim também, a Graça se encontra através da abordagem adequada que você faz, apesar de estar aqui e agora.

D: A Graça não pode acelerar a maturidade, no investigador?

M: Deixe tudo com o Mestre. Entregue-se a Ele sem reservas.

Uma das duas coisas tem de ser feita: ou entregar-se, porque percebe a sua incapacidade e precisa de um poder superior para ajudá-lo; ou investigar a causa da miséria, ir dentro da Fonte e assim fundir no *Self*. De ambas as maneiras, estará livre da miséria. Deus ou o Guru nunca abandona o devoto que se entregou.

D: Qual é o significado de prosternar ao Guru ou a Deus?

M: Prosternação significa cedência do ego, e isso significa fundir na Fonte. Deus, ou Guru, não pode ser enganado por genuflexões externas, vénias e prosternações. Ele vê se o ego está lá, ou não.

D: O Bhagavan não me poderá dar um pouco de *prasad* da Sua folha, como sinal da Sua Graça?

M: Coma sem pensar no ego. Então, o que come torna-se *prasad* do Bhagavan.

D: O homem letrado não está melhor qualificado para a Iluminação, no sentido em que ele não necessita de *guru kripa*?

M: Mesmo um homem de muito saber tem de inclinar perante um Sábio analfabeto. Analfabetismo é ignorância e educação é ignorância aprendida. Ambas ignoram a verdadeira finalidade. O Sábio é ignorante numa linha diferente. Ele é ignorante porque não há 'outro' para Ele.

D: Não é para obter a Graça do Guru que os presentes Lhe são oferecidos? Assim, também, os visitantes oferecem presentes ao Bhagavan.

M: Porque é que me trazem presentes? Eu quero-os? Mesmo que eu recuse, eles impõem os presentes sobre mim! Para quê? Não é como dar o isco para apanhar o peixe? O pescador está ansioso para os alimentar? Não, ele está ansioso para se alimentar com o peixe.

D: A ideia Teosófica de dar iniciações sucessivas antes de alcançar *moksha* é verdadeira?

M: Aqueles que alcançam *moksha*, numa só vida, devem ter passado por todas as iniciações nas suas vidas anteriores.

D: Teosofia diz que os *jnanis* depois da morte têm de escolher quatro ou cinco linhas de trabalho, não necessariamente neste mundo. Qual é a opinião do Bhagavan?

M: Alguns poderão ter trabalho, mas não todos.

D: O Sr. está consciente da irmandade de *Rishis* invisíveis?

M: Se são invisíveis, como é que os pode ver?

D: Na consciência.

M: Não há nada externo na consciência.

D: Posso eu realizá-los?

M: Se realizar a sua própria Realidade, então, isso dos *Rishis* e Mestres tornar-se-á claro para si. Só há um Mestre e esse é o *Self*.

D: A reencarnação é verdadeira?

M: Reencarnação só existe enquanto houver ignorância.

Na verdade não há reencarnação, de todo, agora ou antes. Nem haverá daqui em diante. Esta é a verdade.

D: Um *yogi* pode conhecer as suas vidas passadas?

M: Você conhece a vida presente para querer saber do passado? Encontre o presente e então o resto se seguirá. Mesmo com o nosso limitado saber do presente, sofre-se tanto; porque é que tem de carregar com mais saber? É para sofrer mais?

D: O Bhagavan utiliza poderes ocultos, para outros realizarem o *Self*, ou o mero facto da Realização do Bhagavan é suficiente para isso?

M: A força espiritual da Auto-Realização é muito mais poderosa do que o uso de todos os poderes ocultos. Desde que não exista ego no Sábio, não haverá 'outros' para Ele. Qual é o benefício mais elevado que lhe pode ser conferido? É a felicidade e a felicidade nasce da paz. A paz só pode reinar onde não houver distúrbio e o distúrbio é devido aos pensamentos que surgem na mente. Quando a mente, por si, estiver ausente, haverá paz perfeita. A não ser que a pessoa tenha aniquilado a mente, ela não conseguirá ter paz e ser feliz. E a não ser que seja feliz, ela não poderá dar felicidade aos 'outros'. Mas, como

no entanto, não há 'outros' para o Sábio que não tem mente, só o facto da Sua Auto-Realização é por si suficiente, para fazer os 'outros' felizes.

VIII

PAZ e FELICIDADE

D: Como é que posso ter paz? Não me parece conseguir obtê-la através do *vichara*?

M: Paz é o seu estado natural. É a mente que obstrui o estado natural. O seu *vichara* foi feito apenas na mente. Investigue o que a mente é, e ela desaparecerá. Não há tal coisa como a mente separada do pensamento. Contudo, devido ao emergir do pensamento, você supõe que este começa e termina em algo e chama a isso, mente. Quando pesquisa para ver o que é, você descobre que nada há como mente. Quando a mente desaparece desta forma, você realiza a paz eterna.

D: Através da poesia, música, *japa*, *bhajana*, da visão de paisagens bonitas, da leitura de versos espirituais, etc., experiencia-se, às vezes um verdadeiro sentido de unicidade. Será esse sentimento de profunda e calma felicidade (onde o eu individual não tem lugar), o mesmo que entrar no coração de que o Bhagavan fala? Será que a prática, daí em diante, conduz a um *samadhi* mais profundo e por fim a uma completa visão do Real?

M: Há felicidade quando coisas agradáveis são apresentadas à mente. É a felicidade inerente ao *Self* e não existe outra felicidade. E não é estranha nem está longe. Você mergulha no *Self* nessas alturas que considera aprazíveis; esse mergulhar resulta na felicidade auto-existente. Mas a associação de ideias é responsável por disfarçar essa felicidade sobre outras coisas ou ocorrências, enquanto na verdade, essa felicidade está dentro de si. Nessas ocasiões você está a mergulhar no *Self*, apesar de inconscientemente. Se fizer isso conscientemente, com a convicção que surge da experiência de ser idêntico à felicidade, que na verdade, é o *Self*, a única Realidade, chame-lhe Realização. Eu quero que mergulhe conscientemente no *Self*, i.e., no coração.

EVANGELHO DE MAHARSHI

LIVRO II

I

AUTO-INVESTIGAÇÃO

D: Como é que alguém realiza o *Self*?

M: O *Self* de quem? Descubra.

D: Meu, mas quem sou Eu?

M: Descubra você mesmo.

D: Não sei como.

M: Pense só na pergunta. Quem é esse que diz, “Eu não sei”? Quem é o ‘Eu’ na sua declaração? O que é não conhecido?

D: Alguém ou algo em mim.

M: Quem é esse alguém? Em quem?

D: Talvez algum poder.

M: Descubra.

D: Porque é que Eu nasci?

M: Quem é que nasceu? A resposta é a mesma para todas as perguntas.

D: Então, quem sou Eu?

M: (sorrindo) Você veio para me examinar? Você tem de dizer quem você é.

D: Por muito que eu tente, não me parece que esteja a apanhar o ‘Eu’. Ele nem sequer é discernível com clareza.

M: Quem é esse que diz que o ‘Eu’ não é discernível? Há aí dois ‘Eu’s em si, para que um não seja discernível pelo outro?

D: Em vez de investigar quem sou eu, posso colocar a pergunta a mim próprio, ‘Quem é Você?’. Desta forma, a minha mente poderá fixar-se em Si, a quem eu considero ser Deus em forma de Guru. Talvez possa chegar mais perto da finalidade da minha procura, seguindo essa investigação do que perguntando a mim próprio, ‘Quem sou Eu?’

M: Qualquer que seja a forma que a sua investigação tome, terá por fim, de chegar a um Eu, o *Self*.

Todas essas distinções feitas entre ‘Eu’ e ‘tu’, Mestre e discípulo, etc., são só um sinal da nossa ignorância. Só o ‘Eu Supremo’ é. Pensar doutra forma é iludir-se a si próprio.

Uma história dos Puranas, do Sábio Ribhu e seu discípulo Nidagha, é particularmente instrutiva neste contexto.

Apesar de Ribhu ter ensinado ao seu discípulo a Verdade suprema do Único Brahman, sem um outro, Nidhaga, apesar do seu entusiasmo e compreensão, não conseguiu ter a convicção suficiente para adoptar e seguir o caminho do *jnana*, mas estabeleceu-se na sua cidade natal para levar uma vida dedicada à observação da religião cerimonial.

Mas o Sábio amava o seu discípulo tão profundamente como o discípulo venerava o seu Mestre. Apesar da sua idade, Ribhu, ele próprio, foi até ao seu discípulo, à cidade, só para ver até que ponto o discípulo tinha crescido no seu ritualismo. Por vezes, o Sábio disfarçava-se para poder observar como Nidhaga actuava, quando não sabia que estava a ser observado pelo seu Mestre.

Numa dessas ocasiões, Ribhu que ia disfarçado de aldeão, encontrou Nidhaga a olhar com atenção uma procissão real. Não tendo sido reconhecido pelo morador da cidade, Nidhaga, o aldeão perguntou porque havia tanto movimento e foi-lhe dito que o rei ia na procissão.

“Oh! É o rei. Ele vai na procissão! Mas onde está ele?” Perguntou o aldeão.

“Ali em cima do elefante”, disse Nidhaga.

“Você diz que o rei está em cima do elefante. Sim, eu vejo os dois” disse o aldeão, “mas qual é o rei e qual é o elefante?”

“O quê!” exclamou o Nidhaga, “Vês os dois mas não sabes que o homem em cima, é o rei e o animal por baixo, é o elefante? Onde está a utilidade de falar com um homem como tu?”

“Por favor, não seja impaciente com um homem ignorante como eu”, pediu o aldeão. “Mas você disse ‘por cima e ‘por baixo’. O que é que significam?”

Nidhaga não aguentava mais, “Você vê o rei e o elefante, um *por cima* e o outro *por baixo* e mesmo assim quer saber o que significa ‘por cima’ e ‘por baixo’? Se as coisas vistas e as palavras faladas te dizem tão pouco, só a acção te pode ensinar. Inclina para a frente e vais saber tudo muito bem.”

O aldeão fez o que lhe foi dito. Nidhaga pôs-se em cima dos ombros dele e disse “Agora já sabe. Eu estou *por cima* como o rei, você está *por baixo* como o elefante. É suficientemente claro?”

“Não, ainda não”, foi a resposta calma do aldeão. “Você diz que está em cima como o rei e eu estou por baixo como o elefante. O ‘rei’, o ‘elefante’, ‘por cima’ e ‘por baixo’, até aí é claro. Mas, por favor diga-me, o que quer dizer com ‘Eu’ e ‘tu’?”

Quando Nidhaga foi confrontado, assim de repente, com o grande problema de definir o ‘tu’ à parte do ‘Eu’, a luz surgiu na mente dele. Imediatamente saltou e caiu aos pés do seu Mestre dizendo “Quem mais a não ser meu Venerável Mestre Ribhu, poderia tirar a minha mente das superficialidades da existência física, para o verdadeiro Ser do *Self*? Oh, bendito Mestre! Suplico suas bênçãos”.

Por isso, enquanto o seu objectivo é transcender aqui e agora, essas superficialidades da existência física, através de *atma vichara*, onde há espaço para fazer distinções entre ‘tu’ e ‘Eu’ que pertencem só ao corpo? Quando se volta a mente para dentro procurando a fonte do pensamento, onde está o ‘tu’ e onde está o ‘Eu’?

Você deve procurar e ser o *Self* que tudo inclui.

D: Mas não é engraçado que o ‘Eu’ deva procurar o ‘Eu’? A investigação ‘Quem sou Eu?’ não se torna, no fim, uma fórmula vazia? Ou devo eu, colocar a pergunta a mim próprio, repetindo-a sem fim como um mantra?

M: Auto-investigação não é certamente uma fórmula vazia, é mais do que a repetição de qualquer mantra. Se a investigação “Quem sou Eu?” fosse meramente um perguntar da mente não seria de grande utilidade. O verdadeiro propósito da Auto-investigação é focar toda a mente na sua origem. Não é por isso um caso de um 'Eu' procurando outro 'Eu'.

Muito menos, é a Auto-investigação uma fórmula vazia, porque envolve uma actividade intensa de toda a mente, para se manter equilibrada em pura Auto-consciência. Auto-investigação é o meio infalível, o único directo, para realizar o incondicional Ser Absoluto que você é.

D: Porque é que só a Auto-investigação deverá ser considerada o meio directo para o *jnana*?

M: Porque todo o tipo de *sadhana* excepto o de *atma vichara*, pressupõe a retenção da mente como instrumento para continuar em *sadhana*, e sem mente, esta não pode ser praticada. O ego poderá

tomar formas diferentes e subtis nas diferentes etapas da prática de cada um, mas em si nunca é destruído.

Quando Janaka exclamou, “Ah! Agora eu descobri o ladrão que me tem estado a arruinar, este tempo todo. Ele deverá ser tratado na totalidade”, o Rei estava realmente a referir-se ao ego ou à mente.

D: Mas o ladrão poderá ser capturado através de outras *sadhanas* também.

M: A tentativa de destruir o ego ou a mente através de *sadhanas*, que não *atma vichara*, é como o ladrão assumir o disfarce de um polícia para apanhar o ladrão que é ele próprio. Só *atma vichara* pode revelar a verdade que nem o ego nem a mente existem realmente, e capacitar-nos para realizar o puro, indiferenciado Ser do *Self* ou o Absoluto.

Tendo realizado o *Self*, nada resta para ser conhecido, porque é a perfeita Felicidade, é o Todo.

D: Nesta vida cercada de limitações, posso eu alguma vez realizar a felicidade absoluta do *Self*?

M: Essa felicidade absoluta do *Self* está sempre consigo, e vai encontrá-la por si, se procurar com seriedade.

A causa da sua miséria não está na vida exterior; está dentro de si, em forma de ego. Primeiramente, impõe limitações a si próprio e depois trava uma luta em vão para as transcender. Toda a infelicidade é devida ao ego; com ele surgem todos os seus problemas. De que serve atribuir aos acontecimentos da vida, a causa da miséria, que realmente está dentro de si? Que felicidade pode obter de coisas externas a si? Quando a consegue obter, quanto tempo ela perdura?

Se negar o ego e o queimar, ignorando-o, você ficará livre. Se o aceitar, ele vai impor limitações sobre si e atirá-lo para uma luta inútil para as transcender. Foi assim que o ladrão tentou arruinar o Rei Janaka.

Ser o *Self* que você realmente é, é o único meio para realizar a felicidade que é sua para sempre.

D: Não tendo realizado a verdade que só o *Self* existe, não devo eu adoptar o caminho de *bhakti* e *yoga margas*, por serem mais adequados aos propósitos de *sadhana* do que *vichara marga*? A Realização do nosso Ser Absoluto, ou seja *Brahma jnana*, não é algo praticamente não atingível, para um leigo como eu?

M: *Brahma jnana* não é um conhecimento para ser adquirido, para que ao o adquirir se possa obter felicidade. É o olhar ignorante que se deve largar. O *Self* que procura conhecer é na verdade você próprio. A sua suposta ignorância causa-lhe tristeza desnecessária como a dos dez homens tolos que choravam a perda do décimo homem que nunca esteve perdido.

Os dez homens tolos, na parábola, atravessaram um rio e ao chegar à outra margem queriam ter a certeza que todos tinham atravessado o rio em segurança. Um dos dez começou a contar, mas enquanto contava os outros, deixou a si próprio de fora. “Só vejo 9, certamente perdemos um. Quem é que poderá ser?” disse ele. “Contaste correctamente?” perguntou outro, e fez a contagem ele próprio. Mas ele também só contou nove. Um após outro, cada um dos dez, só contou nove, faltando contar a eles próprios. “Somos só nove” concordaram todos, “mas quem é que falta?” perguntaram. Todo o esforço que fizeram para descobrir o indivíduo 'desaparecido' falhou. “Quem quer que ele seja, afogou-se”, disse o mais sentimental dos dez tolos. “Nós perdemo-lo”. Assim dizendo, ele rompeu em lágrimas e os restantes nove fizeram o mesmo. Vendo-os chorar na margem do rio, um viajante atento, perguntou qual a causa. Eles relataram o que tinha acontecido e disseram que apesar de terem contado várias vezes, não encontraram mais do que nove. Ao ouvir a história, e ao ver todos os dez à sua frente, o viajante adivinhou o que teria acontecido. De forma, a que descobrissem por eles próprios que eram realmente dez e que todos se tinham salvo na travessia, disse-lhes, “cada um de vós vai contar-se a si próprio, mas um após o outro e em série, um, dois, três e assim em diante, enquanto eu dou a cada um, uma palmada, para que todos tenham a certeza de terem sido incluídos na contagem, mas uma só vez. O décimo homem 'desaparecido' será então encontrado”. Ao ouvir isto, eles alegraram-se com a perspectiva de encontrar o camarada “perdido” e aceitaram o método sugerido pelo viajante. Enquanto o viajante dava uma palmada a cada um dos dez, em resposta, aquele que recebia a palmada contava-se a si próprio, em voz alta. “Dez” disse o último homem quando recebeu a última palmada, na sua vez. Surpreendidos, olharam uns para os outros, “Somos dez”, disseram a uma só voz e agradeceram ao viajante por lhes ter tirado a sua tristeza.

Essa é a parábola. De onde veio o décimo homem? Alguma vez esteve perdido? Ao saber que ele esteve lá todo o tempo, eles aprenderam algo de novo? A causa da sua dor não era uma perda real de qualquer um dos dez, era a sua própria ignorância, ou antes a mera suposição de que um deles estava perdido (apesar de não conseguirem descobrir quem era), porque tinham contado apenas nove.

Tal também é o seu caso. Na verdade não há razão para se sentir miserável e infeliz. Você próprio impõe limitações sobre a sua verdadeira natureza de Ser Infinito, e depois chora porque é apenas uma criatura finita. Então, pega esta ou aquela *sadhana* para transcender as limitações não existentes. Mas se a sua *sadhana*, em si, assume a existência de limitações, como é que ela o pode ajudar a transcendê-las?

Por isso, eu digo, saiba que você é na realidade o Infinito, Puro Ser, o *Self* Absoluto. Você é sempre esse *Self* e nada mais, mas esse *Self*. Por isso, você nunca pode ser ignorante do *Self*; a sua ignorância é meramente ignorância formal, como a ignorância dos dez tolos sobre a perda do décimo homem. Foi essa ignorância que lhes causou a dor.

Saiba então, que o verdadeiro conhecimento não cria um novo Ser para si, somente remove a sua “ignorância ignorante”. A Felicidade não é adicionada à sua natureza, é simplesmente revelada como o seu estado verdadeiro e natural, eterno e impossível de perder. A única maneira para se livrar da sua dor é conhecer e ser o *Self*. Como é que isso pode ser inatingível?

II

SADHANA e GRAÇA

D: A pesquisa sobre Deus tem continuado desde tempos sem memória. Já foi dita a última palavra?

M: (Guarda silêncio por algum tempo).

D: (confuso) Devo considerar o silêncio do Sri Bhagavan como resposta à minha pergunta?

M: Sim, *Mauna é Iswara svarupa*. Por isso, o texto:

मौनव्याख्या प्रकटितपरब्रह्मतत्त्वम्

D: Diz-se que o Buda ignorou tais perguntas sobre Deus.

M :E por isso ele foi chamado de *sunya vadin* (nihilista). De facto, Buda preocupou-se mais em orientar aquele que procura realizar a felicidade, aqui e agora, do que com discussões académicas sobre Deus, etc.

D: Deus é descrito como manifesto e não manifesto. Como sendo o primeiro, Ele é dito que inclui o mundo como parte do Seu Ser. Se assim for, nós, como parte desse mundo deveríamos facilmente conhecê-Lo na forma manifesta.

M: Conheça-se a si, antes de querer decidir sobre a natureza de Deus e do mundo.

D: Conhecer a mim próprio implica conhecer Deus?

M: Sim. Deus está dentro de si.

D: Então, o que é que me separa desse conhecimento?

M: Sua mente vagueante e suas maneiras pervertidas.

D: Considero-me uma criatura fraca. Mas porque é que o poder superior do Senhor, dentro de nós, não remove os obstáculos?

M: Sim. Ele o fará se você tiver aspiração.

D: Porque é que Ele não cria aspiração em mim?

M: Então entregue-se.

D: Se eu me entregar, não é necessário a oração a Deus?

M: Entregar-se, em si, é uma oração poderosa.

D: Mas não é necessário compreender a Sua natureza antes de nos entregarmos?

M: Se acredita, que Deus irá fazer todas as coisas que você quer que Ele faça, então entregue-se a Ele. Senão deixe Deus sozinho e conheça-se a si próprio.

D: O Deus ou Guru tem alguma solicitação para mim?

M: Se procurar um ou outro - eles não são dois na realidade mas um e idênticos – fique descansado que eles o estão a procurar com maior diligência do que possa alguma vez imaginar.

D: Jesus ensinou a parábola da moeda perdida, onde a mulher procura a moeda até a encontrar.

M: Sim, isso amplamente representa a verdade que Deus ou o Guru está sempre à procura dos investigadores mais sinceros. Se a moeda fosse uma peça insignificante, a mulher não teria feito uma longa procura. Vê o que isso quer dizer? Quem procura, deve qualificar-se através da devoção, etc.

D: Mas não se pode ter certeza da Graça de Deus.

M: Se uma mente imatura não encontra a Sua Graça isso não significa que a Graça de Deus esteja ausente, porque isso implicaria que por vezes, Deus deixasse de ser bondoso, ou seja, deixaria de ser Deus.

D: É o mesmo que a palavra de Cristo “seja feito a vós, conforme a vossa fé”.

M: Isso mesmo.

D: Os *Upanishads* dizem, que só aquele que Atman escolhe é que pode conhecer Atman, assim me disseram. Porque é que o Atman deve escolher de todo? Se ele escolhe, porquê uma pessoa em particular?

M: Quando o Sol nasce, alguns botões brotam, não todos. Acusa o Sol por isso? Nem o botão pode brotar por si, ele precisa da luz do Sol para isso.

D: Não poderemos dizer que a ajuda do Atman é necessária, pois foi o Atman que tomou sobre si o véu do *maya*?

M: Pode-se dizer assim.

D: Se Atman pôs sobre si o véu, não deveria ser ele próprio a removê-lo?

M: Ele fará isso. Veja para quem é o véu.

D: Porque é que devo ser Eu a ver? Deixe o Atman remover o véu!

M: Se o Atman falar sobre o véu, então o próprio Atman irá removê-lo.

D: Deus é pessoal?

M: Sim, Ele é sempre a primeira pessoa, o Eu, sempre à sua frente. Por você dar prioridade às coisas mundanas, Deus parece ter-se retirado para segundo plano. Se largar tudo, e só o procurar a Ele, só Ele irá permanecer como Eu, o *Self*.

D: O estado final da Realização conforme *Advaita*, é dito ser a União absoluta com o Divino e conforme *Visishtadvaita*, uma união qualificada, enquanto *Dvaita* mantém que não há nenhuma união de todo. Qual delas deve ser considerada como sendo a visão correcta?

M: Porquê especular sobre o que vai acontecer, um dia, no futuro? Todos concordam que o 'Eu' existe. Qualquer escola de pensamento a que pertença, deixa que o investigador sincero, saiba primeiro o que o Eu é. Então haverá tempo suficiente para saber qual será o Estado final e se o 'Eu' irá fundir no ser Supremo, ou se ficará à parte Dele. Não vamos antecipar a conclusão, mas deixar a mente aberta.

D: Mas ter alguma compreensão do estado final, não seria um guia útil mesmo para um aspirante?

M: Nenhum propósito é servido, ao tentar decidir agora, qual será o estado final da Realização.

Não tem qualquer valor intrínseco.

D: Como assim?

M: Porque você segue um princípio errado. A sua averiguação tem de depender sobre o intelecto, que se ilumina só pela Luz que deriva do *Self*. Não é presunçoso da parte do intelecto, sentar em julgamento sobre aquilo, do qual ele é só, uma manifestação limitada e da qual deriva a sua pouca luz? Como é que o intelecto que nunca pode chegar ao *Self* pode ser competente para afirmar e muito menos decidir a natureza do estado final da Realização? É como tentar medir a luz do sol na sua origem pelo nível da luz emitida por uma vela. A cera irá derreter antes da vela chegar perto do sol.

Em vez de aventurar em mera especulação, dedique-se aqui e agora à procura da Verdade que está sempre dentro de si.

III

O JNANI e o MUNDO

D: O *jnani* tem percepção do Mundo?

M: De quem é a pergunta? É do *jnani* ou do *ajnani*?

D: Do *ajnani*, admito.

M: É o mundo que procura decidir sobre a sua realidade? A dúvida surge-lhe a si. Saiba, no primeiro instante, que está a duvidar e depois poderá considerar se o mundo é real ou não.

D: O *ajnani* vê e conhece o mundo e os objectos, o que afecta os seus sentidos de toque, sabor, etc. O *jnani* experiencia o mundo da mesma forma?

M: Você fala em ver e conhecer o mundo. Mas sem se conhecer a si próprio, o sujeito do saber (sem o qual não há conhecimento do objecto), como pode saber a verdadeira natureza do mundo, o objecto conhecido? Sem dúvida, os objectos afectam o corpo e os órgãos dos sentidos, mas é ao seu corpo que a pergunta está a surgir? O corpo diz "eu sinto o objecto, ele é real?" ou é o mundo que lhe diz "eu o mundo, sou real?"

D: Eu só estou a tentar compreender o ponto de vista do *jnani* sobre o mundo. Depois da Auto-Realização, existe percepção do mundo?

M: Porque se preocupa com o mundo e com o que acontece ao mundo, depois da Auto-Realização? Primeiro realize o *Self*. O que é que interessa se o mundo é visto ou não. Ganha alguma coisa que o possa ajudar na sua procura pela não percepção do mundo, durante o sono? Pelo contrário, agora, o que é que perderia com a percepção do mundo? É bastante irrelevante, ao *jnani* ou ao *ajnani*, se vêem o mundo ou não. É visto pelos dois, mas o seu ponto de vista difere.

D: Se o *jnani* e o *ajnani* vêem o mundo de forma semelhante, qual é a diferença entre eles?

M: Ao ver o mundo, o *jnani* vê o *Self* que é o substrato de tudo o que é visto; o *ajnani*, quer veja o mundo, ou não, é ignorante do seu verdadeiro Ser, o *Self*.

Tome o exemplo das imagens em movimento no ecrã do cinema. Só o ecrã. Sobre esse ecrã, vê o espectáculo todo e, como todas as

aparências, as imagens são reais. Mas vá, e tente agarrá-las. O que é que consegue agarrar? Só o ecrã, sobre o qual, as imagens pareciam tão reais. Depois do espectáculo, quando as imagens desaparecem o que fica? De novo, o ecrã!

Assim é, com o *Self*. Só Ele existe, as imagens vêm e vão. Se permanecer no *Self*, não será ludibriado pelo aparecimento das imagens. Nem é importante, de todo, se as imagens aparecem ou desaparecem. Ignorando o *Self*, o *ajnani* pensa que o mundo é real, tal como ao ignorar o ecrã ele só vê as imagens, como se elas existissem à parte deste. Se nós soubermos que sem aquele que vê, não há nada para ver, tal como não há imagens sem ecrã, então não seremos enganados. O *jnani* sabe que o ecrã, as imagens e o que é visto, não são mais do que o *Self*. Com as imagens, o *Self* está na sua forma manifesta; sem imagens, mantém-se na forma não manifesta. Ao *jnani* é irrelevante se o *Self* está numa forma ou noutra. Ele é sempre *Self*. Mas o *ajnani*, ao ver o *jnani* activo fica confuso.

D: Foi exactamente esse ponto que me levou a colocar a minha primeira pergunta, se alguém que realizou o *Self* vê o mundo, tal como nós o vemos e se, é assim, eu gostava de saber como Sri Bhagavan se sentiu, ontem, em relação ao desaparecimento misterioso da fotografia....

M: (Sorrindo) Está a referir-se à fotografia do templo de Madurai. Poucos minutos antes, ela estava a passar pelas mãos dos visitantes que a olhavam, um de cada vez. Provavelmente, ela ficou perdida entre as páginas de um ou outro livro que eles estavam a consultar.

D: Sim, refiro-me a esse incidente. Como é que Bhagavan o vê? Houve uma procura ansiosa pela fotografia, mas no final, não foi encontrada. Como é que Bhagavan vê o desaparecimento misterioso da foto, no próprio momento em que esta estava a ser utilizada?

M: Suponha que você está a sonhar que me está a levar para o seu país distante, a Polónia. Você acorda e pergunta-me “Eu sonhei isto e isto. Você também teve esse tipo de sonho, ou teve conhecimento, de alguma outra forma, que eu o estava a levar para a Polónia?” Que significado dá a esse tipo de investigação?

D: Mas em relação à foto desaparecida, todo o incidente sucedeu à frente de Bhagavan?

M: Ver a foto, o desaparecimento dela, tal como a sua presente investigação, é tudo mero trabalho da mente.

Há uma história *Puranica* que ilustra esse ponto. Quando Sita desapareceu do eremitério na floresta, Rama foi à procura dela, lamentando-se, “Ó Sita, Sita”. É dito que Parvati e Parameswara viram, de cima, o que estava a acontecer na floresta. Parvati expressou a sua surpresa a Siva e disse “o Senhor elogiou Rama como sendo o Ser Perfeito. Veja como Ele se comporta e lamenta com a perda de Sita!” Siva respondeu, “ Se está céptico sobre a perfeição de Rama, então ponha-o à prova. Através do seu *yoga-maya* transforme-se em forma de Sita e apareça perante Rama. Parvati assim fez. Ela apareceu perante Rama, muito parecida com Sita, mas para seu espanto, Rama ignorou a sua presença e continuou a chamar, como antes, “Ó Sita, Ó Sita”, como se fosse cego.

D: Eu não consigo captar a moral da história.

M: Se Rama estivesse realmente à procura da presença física de Sita, ele teria reconhecido a pessoa que estava à sua frente, como Sita, a quem ele tinha perdido. Mas não, a Sita desaparecida, era tão irreal como a Sita que apareceu à frente dele. Rama não estava cego; mas para Rama, o *Jnani*, a presença de Sita no eremitério, o seu desaparecimento, a consequente procura por ela, tal como a verdadeira presença de Parvati disfarçada de Sita, tudo era igualmente irreal. Agora, percebe como foi visto o desaparecimento da foto?

D: Eu não posso dizer que tudo está claro para mim. Será que o mundo que é visto, por nós, sentido e apercebido de tantas maneiras, é algo como um sonho, uma ilusão?

M: Se procura a Verdade e somente a Verdade, não haverá outra alternativa para si, do que aceitar o mundo como irreal.

D: Como assim?

M: Por uma simples razão, até abandonar a ideia que o mundo é real, a sua mente estará sempre atrás dele. Se toma a aparência como real nunca vai conhecer o Real em si, apesar de só o Real existir. Esse ponto é ilustrado na analogia da “serpente e a corda”. Enquanto vê a serpente não consegue ver a corda. A serpente não-existente, parece-lhe real, enquanto a corda, que é real, lhe parece totalmente não existente.

D: É fácil aceitar, por tentativas, que em última instância, o mundo não é real, mas é difícil ter a convicção que o mundo é, na verdade, irreal.

M: Mesmo assim o seu mundo de sonho é real enquanto está a sonhar. Enquanto o sonho durar, tudo o que vê, sente, etc., é real.

D: Então o mundo nada mais é do que um sonho?

M: O que há de errado com o sentido da realidade que tem, enquanto está a sonhar? Poderá estar a sonhar sobre algo impossível, como por exemplo, ter uma conversa animada com uma pessoa morta. Só por um momento, poderá duvidar durante o seu sonho, dizendo para si mesmo, “ele não estava morto?”. Mas de alguma forma, a sua mente reconcilia-se com a visão do sonho e a pessoa aparece, como se estivesse viva, para os propósitos do sonho. Noutras palavras, o sonho como sonho, não lhe permite que duvide da sua realidade. Mesmo assim, você é incapaz de duvidar da realidade do mundo, durante o seu estado acordado. Como é que a mente, a qual criou o mundo o poderá aceitar como irreal? Esse é o significado da comparação entre o mundo da experiência enquanto desperto e o mundo do sonho. Ambos são criações da mente e enquanto a mente estiver embebida em qualquer um deles, será incapaz de negar a realidade do mundo do sonho, enquanto sonha e do mundo acordado, enquanto desperto. Se pelo contrário, retirar, por completo, a sua mente do mundo e a voltar para o interior e aí permanecer, isto é, se estiver sempre desperto para o *Self* que é o substrato de toda a experiência, vai encontrar o mundo, do qual está agora consciente, tão irreal, como o mundo que viveu no seu sonho.

D: Como disse antes, nós vemos, sentimos e apercebemo-nos do mundo de inúmeras maneiras. Essas sensações são as reacções aos objectos vistos, sentidos, etc., e não criações mentais, como no sonho, que diferem não só de pessoa para pessoa, mas também, em relação à mesma pessoa. Isso não é suficiente para provar a realidade objectiva do mundo?

M: Todas essas conversas sobre inconsistências e respectivos atributos ao mundo do sonho, só surgem agora, quando está desperto. Quando está a sonhar, o sonho é um todo perfeitamente integrado. Isso quer dizer que se sentir sede num sonho, o acto ilusório de beber da água ilusória, irá satisfazer a sua sede ilusória. Mas, para si, tudo

isto era real, e não ilusório quando não sabia que o sonho em si, era ilusório. Da mesma forma, com o mundo acordado; e as sensações que tem neste momento, são coordenadas para lhe dar a impressão que o mundo é real.

Se pelo contrário, o mundo é uma realidade auto-existente (é evidente que é isso que quer dizer com objectividade do mundo), o que impede o mundo de se revelar, durante o seu sono? Você não diz que não existe no seu sonho.

D: Nem eu nego a existência do mundo enquanto estou a dormir. Ele existe todo o tempo. Se durante o meu sono eu não o vi, outros que não estavam a dormir, viram-no.

M: Para provar que você existiu enquanto dormia, será necessário pedir a evidência de outros? Porque procura, agora, as evidências deles? Esses 'outros', apenas lhe podem dizer que viram o mundo (durante o seu sono), quando você próprio estiver acordado. Em relação à sua própria existência é diferente. Ao acordar, você diz que teve um sono repousante, portanto, nesse ponto, está consciente de si próprio num sono mais profundo. Enquanto, que, nessa altura, não tem a mínima noção da existência do mundo. Mesmo agora, enquanto está acordado, é o mundo que diz, "eu sou real", ou é você?

D: Claro que sou *Eu* que o digo, mas digo isso sobre o mundo.

M: Bem, então esse mundo que diz que é real, está realmente a gozar consigo por procurar provar a realidade do mundo, enquanto ignora a sua própria Realidade.

De uma forma ou outra, você quer mostrar que o mundo é real. Qual é a medida da Realidade? Só é Real aquilo que existe por si próprio, que se revela por si próprio e que é eterno e imutável.

O mundo existe por si mesmo? Foi ele alguma vez visto sem a ajuda da mente? No sono, não há mente, nem mundo. Quando acordado, há a mente e o mundo. O que é que esta invariável coincidência significa? Você está familiarizado com os princípios da lógica indutiva que se consideram ser a própria base da investigação científica. Porque não resolve essa questão da realidade do mundo, à luz desses princípios? De si, pode dizer 'Eu existo'. Isto é, a sua existência, não é mera existência, mas a Existência da qual está consciente. Na realidade, a Existência é idêntica à Consciência.

D: O mundo pode não estar consciente de si mesmo, mas existe.

M: Consciência é sempre Auto-consciência. Se está consciente de algo, está essencialmente consciente de si próprio. Existência sem Auto-consciência é um termo contraditório. Não é existência de todo. É apenas uma existência atribuída, enquanto a Verdadeira Existência, o *sat*, não é um atributo, é a Substância em si. É o *vastu*. Realidade é assim conhecida como *sat-chit*, Ser-Consciência, e nunca um por exclusão do outro. O mundo não existe por si, nem está consciente da sua existência. Como pode dizer que tal mundo é real? E qual é a natureza do mundo? É a mudança perpétua, um fluxo contínuo e interminável. Um mundo dependente, não consciente de si e em constante mudança não pode ser real.

D: Não é só a ciência empírica ocidental*que considera o mundo real, mas os vedas, etc., apresentam elaboradas descrições cosmológicas do mundo e sua origem. Porque o fazem, se o mundo é irreal?

M: O propósito essencial dos Vedas, etc., é o de ensinar a natureza do Atman imperecível e de declarar com autoridade “Tu és isso”.

D: Aceito. Mas porque é que eles dão descrições cosmológicas de grande pormenor, a não ser que considerem o mundo real?

M: Adapte na prática o que aceita em teoria e deixe o resto. Os *sastras* têm de guiar todo o tipo de pesquisadores da Verdade e não têm todos, o mesmo tipo de preparação mental. O que você não conseguir aceitar, trate como *arthavada* ou argumento auxiliar.

*Nota

Em última análise, o mundo da percepção sensorial resolve-se em duas categorias de tempo e espaço e aqui se transcreve o que Sir James Jeans escreveu no seu livro, *The New Background of Science*, como conclusões tiradas de experiências baseadas na Teoria da Relatividade de Einstein.

“Nós percebemos que o espaço nada significa à parte da nossa percepção dos objectos e o tempo nada significa à parte da nossa experiência dos eventos. O espaço começa a aparecer só *como uma ficção criada pelas nossas próprias mentes* (os nossos corpos físicos são meramente coisas no espaço – ver verso 16 *Truth Revealed*), uma ilegítima extensão à Natureza de um conceito subjectivo que nos ajuda a compreender e a descrever a

organização dos objectos como vistos por nós; enquanto que o tempo aparece como segunda ficção (sem passado e futuro, o tempo como normalmente é concebido não é mais do que um mito – ver verso 15 *Truth Revealed*) servindo um propósito semelhante para organização dos eventos que nos acontecem.”

O leitor deve observar que quando o tempo e o espaço são considerados pela ciência moderna como meras ficções criadas por nossas próprias mentes, objectos e eventos tornam, *ipsosfacto*, meras criações da mente (ver versos 17 e 18, *Truth Revealed*) porque eles não podem existir sem tempo e espaço.

No que se refere à solidez da matéria, atribuída pelo homem comum, as seguintes conclusões retiradas da física experimental moderna, dão-nos a resposta.

1. Ciência não sabe nada sobre a verdadeira natureza dos constituintes do átomo. Ela só conhece as radiações que saem dele, *mas nunca a própria fonte*.
2. Como o átomo continuamente irradia energia, o electrão numa altura, nunca pode ser identificado com o electrão numa outra altura.
3. O electrão deixa de ter por completo, as propriedades de uma “coisa” tal como é concebida pelo senso comum; é só, meramente uma *região* de onde a energia poderá irradiar (*Outline of Philosophy* por Bertrand Russel).

É a seguinte, a conclusão que Bertrand Russel apresenta “agora devido principalmente a dois físicos alemães Heisenburg e Schrodinger, os últimos vestígios do velho átomo sólido foram derretidos, a matéria tornou-se tão fantasmagórica como qualquer coisa numa *sessão* espírita.

Deixemos agora o leitor julgar por si de que maneira o mundo acordado da percepção sensorial é fundamentalmente diferente do mundo do sonho, lembrando o que foi dito acima no corpo do capítulo e ao seguir a leitura de *'Who Am I?'*: “Excepto que o estado de acordado é longo e o estado de sonho é curto, não há nenhuma diferença entre os dois.” Esta verdade, que a ciência moderna ecoa é expressa, assim, pelo Dr. Eddington: “A franca constatação que a ciência física está preocupada com o mundo das sombras é um dos avanços mais significativos...*No mundo da física, assistimos ao desempenho de um gráfico de sombras do drama da vida familiar*” (a imagem aparece no ecrã, como Sri Bhagavan o chama). A

sombra do meu cotovelo descansa na sombra da mesa, como a sombra da tinta flui sobre a sombra do papel (*The Nature of Physical World*).

IV

O CORAÇÃO e o *SELF*

D: Sri Bhagavan fala do coração como o assento da Consciência e como sendo idêntico ao *Self*. O que significa exactamente o coração?

M: A pergunta sobre o coração surge porque está interessado em procurar a fonte da consciência. A pesquisa sobre o 'Eu' e a sua natureza apresenta um fascínio irresistível, a todas as mentes com pensamento profundo.

Chame-o por qualquer nome, Deus, *Self*, coração ou assento da Consciência é tudo o mesmo. O ponto a ser compreendido é este, que Coração significa a própria essência do nosso ser, o Centro, sem o qual nada mais há.

D: Mas Sri Bhagavan especificou um lugar particular para o coração dentro de um corpo físico, que é no peito, dois dígitos à direita da linha mediana.

M: Sim, esse é o centro da experiência espiritual conforme o testemunho dos Sábios. O centro do coração espiritual é bastante diferente do órgão muscular que faz circular o Sangue, conhecido pelo mesmo nome. O centro espiritual do coração não é um órgão do corpo. Tudo o que se pode dizer do coração é que é a própria essência do seu ser. É Aquilo, com o qual você é realmente idêntico (como a palavra literalmente significa em Sânscrito) quer esteja acordado, a dormir ou a sonhar, quer esteja envolvido no trabalho ou imerso no *Samadhi*.

D: Nesse caso, como é que pode ser localizado em qualquer parte do corpo? Fixar um lugar para o coração, implica colocar limitações fisiológicas para Aquilo que está para além do espaço e tempo.

M: É verdade. Mas a pessoa que faz a pergunta sobre a posição do coração, considera-se ela própria, como existindo com corpo, ou dentro do corpo. Agora, enquanto faz essa pergunta, diria que só o seu corpo está cá, mas que você está a falar de um outro lugar? Não, você aceita a sua existência corporal. É deste ponto de vista que qualquer referência ao corpo físico é feita.

Para falar a Verdade, a Pura Consciência é indivisível, não tem partes. Ela não tem forma ou feitio, nem interior, nem exterior. Não há esquerda ou direita para Ela. Consciência Pura, que é o coração incluído; e nada está fora ou separada dela. Essa é a Verdade última.

Desse ponto de vista absoluto, o coração, *Self* ou consciência não podem ter um lugar particular designado no corpo físico. Qual é a razão? O corpo em si é mera projecção da mente e a mente é só um pobre reflexo do coração radioso. Como é que o Coração, que tudo contém, pode ser confinado a uma pequena parte, dentro do corpo físico, que por sua vez, é apenas uma manifestação infinitesimal e fenomenal de uma só Realidade?

Mas as pessoas não compreendem isso. Elas não conseguem deixar de pensar em termos do corpo físico e do mundo. Por exemplo, você diz, “Vim a este ashram, desde o meu país que fica para além dos Himalaias”. Mas essa não é a verdade. Onde está o ir e vir, ou qualquer movimento que seja, para o Espírito omnipresente que na realidade você é? *Você* está onde tem estado sempre.

É o seu corpo que se move ou que é transportado de lugar a lugar, até chegar a este ashram.

Esta é a verdade simples, mas para quem se considera um sujeito, a viver num mundo objectivo, isso parece algo totalmente visionário!

É para chegar ao nível da compreensão comum, que é atribuído um lugar ao coração no corpo físico.

D: Então, como poderei eu entender a declaração de Sri Bhagavan de que a *experiência* do centro do coração é num lugar particular, no peito?

M: Uma vez que aceita isso, de um ponto de vista verdadeiro e absoluto, que o coração como Pura Consciência está para além do espaço e tempo, será fácil entender o resto, seguindo a perspectiva correcta.

D: Foi nessa base que coloquei a pergunta sobre a posição do coração. Questiono sobre a experiência de Sri Bhagavan.

M: Pura Consciência totalmente desligada do corpo físico e transcendendo a mente é uma questão de experiência directa. Os Sábios conhecem a sua Existência eterna sem corpo, tal como o homem comum conhece a sua existência corporal. Mas, pode-se ter a experiência da Consciência com ou sem a consciência corporal. Na

experiência sem corpo da Pura Consciência, o Sábio está para além do tempo e espaço e nenhuma questão sobre a posição do coração poderá, de todo, surgir.

No entanto, como o corpo físico não pode subsistir (com vida) separado da Consciência, a consciência corporal tem de ser sustentada pela Pura Consciência. O primeiro, pela sua natureza é limitado e nunca pode ser co-extensivo com a Pura Consciência que é infinita e eterna. Consciência corporal é como uma mónada, um pequeno reflexo da Consciência Pura com a qual o Sábio realizou a sua identidade. Por isso, para ele, a consciência corporal é apenas um raio reflectido como se fosse da Auto-resplandecente, Consciência Infinita que é ele próprio. É só nesse sentido que o Sábio está consciente da sua existência corporal.

Como durante a experiência, sem corpo, do coração como Consciência Pura, o Sábio não está, de forma alguma, consciente do corpo, essa experiência absoluta é localizada por ele dentro dos limites do corpo físico, por uma espécie de memória e sentir, registada enquanto ele está em consciência corporal.

D: Para homens como eu, que não têm nem uma experiência directa do coração, nem a respectiva lembrança, o assunto parece um pouco difícil de captar. Sobre a localização do coração, em si, talvez tenhamos de depender sobre suposições.

M: Se a determinação da posição do coração tivesse de depender de uma suposição, mesmo no caso da pessoa comum, a pergunta seria certamente sem valor. Não, não tem de se basear numa suposição, mas sim, na intuição sem erro.

D: Para quem é a intuição?

M: Para um e todos.

D: O Sri Bhagavan dá-me crédito de ter conhecimento intuitivo do coração?

M: Não, não do coração mas sim da posição do coração em relação à sua identidade.

D: Sri Bhagavan está a dizer que eu conheço intuitivamente a posição do coração no corpo físico?

M: Porque não?

D: (apontando para si) Sri Bhagavan está a referir-se a mim, pessoalmente?

M: Sim. Essa é a intuição. Com que gesto é que se referiu a si, agora mesmo? Não pôs o seu dedo no lado direito do peito? É exactamente, esse, o lugar do centro do coração.

D: Então, na ausência do conhecimento directo do centro do coração, eu tenho de depender desta intuição?

M: O que há de errado nisso? Quando um rapaz de escola diz, “Fui eu que fiz a soma correctamente”, ou quando ele lhe pergunta “posso correr e trazer-lhe o livro” irá ele apontar para a cabeça, para dizer que fez a soma correctamente ou para as pernas que o levaram rapidamente para trazer o seu livro? Não, em ambos os casos, o dedo dele será naturalmente apontado para o lado direito do peito, dando assim uma expressão inocente à verdade profunda que a fonte de “Eu” (“I” –ness) dele, é lá. É uma intuição *infallível* que o faz referir-se a ele próprio, ao coração que é o *Self*, dessa maneira. Esse acto é bastante involuntário e universal, ou seja, é o mesmo em cada indivíduo.

Que prova mais forte que essa, precisa sobre a posição do centro do coração no corpo físico?

V

O LUGAR do CORAÇÃO

D: Disse-me um Santo que sente a experiência espiritual no espaço entre as sobrancelhas.

M: Como disse antes, essa é a Realização última e perfeita que transcende a relação sujeito-objecto. Quando tal é atingido, não importa em que local se sente a experiência espiritual.

D: Mas a pergunta é, qual é a visão correcta dos dois, nomeadamente, 1) que o centro da experiência espiritual é no espaço entre as sobrancelhas; 2) ela é o coração.

M: Para os propósitos da prática poderá concentrar-se no espaço entre as sobrancelhas, isso então, será *bhavana* ou contemplação imaginativa da mente; enquanto o estado supremo de *annubhava* ou Realização com o qual se torna totalmente identificado e no qual a sua individualidade é completamente dissolvida, transcende a mente. Então, não pode haver nenhum centro concreto, para ser experienciado por si como um sujeito distinto e separado dele.

D: Gostava de colocar a minha pergunta com outras palavras. Pode-se dizer que o lugar entre as sobrancelhas é o assento do *Self*?

M: Você aceita que o *Self* é a fonte última da consciência e que ela subsiste igualmente durante todos os 3 estados da mente. Mas veja o que acontece quando uma pessoa em meditação é vencida pelo sono. Como primeiro sintoma de sono, a cabeça começa a descair, o que não poderia acontecer se o *Self* estivesse situado entre as sobrancelhas ou em qualquer outro lugar na cabeça.

Se durante o sono a experiência do *Self* não é sentida entre as sobrancelhas, esse centro não pode ser chamado o seu assento, sem implicar que o *Self* abandona o seu próprio lugar, o que é absurdo.

O facto é que *shadaka* poderá ter a sua experiência em qualquer centro ou *chakra* sobre o qual concentra a sua mente. Mas, por essa razão, o lugar particular da sua experiência, não se torna *ipso facto* o assento do *Self*.

Há uma história interessante sobre Kamal, o filho do Santo Kabir, que serve de ilustração para mostrar que a cabeça e mais especificamente,

o lugar entre as sobranceiras, não poderá ser considerado o assento do *Self*.

Kabir era intensamente devoto de Sri Rama e nunca falhava em dar de comer àqueles que cantavam louvores ao Senhor da sua devoção. Todavia, numa ocasião aconteceu que ele não tinha recursos para oferecer comida, a um grupo tão grande de devotos. Para ele, fosse como fosse, não existia outra alternativa, excepto que, antes da manhã seguinte, ele teria de providenciar tudo o que era necessário. Então, ele e o seu filho partiram, de noite, para garantir as provisões necessárias.

A história conta que depois de o pai e filho terem tirado os mantimentos da casa dum comerciante através de um buraco que fizeram na parede, o filho voltou lá dentro, de novo, só para acordar os donos da casa e lhes dizer, como princípio, que a casa deles tinha sido roubada. Depois de acordar os donos da casa, o rapaz tentou escapar através do buraco e juntar-se ao seu pai do outro lado, mas, o seu corpo ficou preso no buraco. Para evitar ser identificado pelos donos da casa que o perseguiam (porque se fosse reconhecido, não haveria, de todo, comida para os devotos no dia seguinte), ele chamou o seu pai e disse-lhe para cortar a cabeça dele e a levar com ele. Tendo feito isso, Kabir escapou-se com os mantimentos roubados e a cabeça do filho que ao chegar a casa foi escondida, de forma a não ser encontrada. No dia seguinte, Kabir ofereceu o banquete aos *bhaktas*, sem ter a mente ocupada com o que tinha acontecido na noite passada. "Se é a vontade de Rama" disse o Kabir a si próprio, "que o meu filho deva morrer, que assim seja!" À tarde, Kabir e o grupo foram, como sempre, na procissão, pelas ruas da cidade, com *bhajana*, etc.

Entretanto, o dono da casa roubada fez queixa ao Rei, mostrando o corpo sem cabeça de Kamal o que não lhes deu nenhuma pista. Para conseguir a sua identificação, o Rei mandou colocar o corpo atado, na estrada, num lugar de destaque, para que quem quer que o reclamasse ou levasse, (porque nenhum corpo morto é abandonado, sem os últimos rituais, feitos pelos familiares e amigos) seria interrogado ou preso pelos polícias que estavam escondidos, para esse propósito.

Kabir e seu grupo, com *bhajana* em alta voz, chegaram à estrada principal, quando para espanto de todos, o corpo decapitado de Kamal

(que era considerado morto como um prego na porta) começou a bater palmas ao ritmo dos *bhajana* cantados pelo grupo.

Essa história refuta a sugestão que a cabeça ou o lugar entre as sobranceiras é o assento do *Self*. Também pode ser observado, quando no campo de batalha, a cabeça de um soldado em acção é cortada do corpo, por um golpe de espada forte e repentino, o corpo continua a correr ou a mover os seus membros tal como numa luta simulada, só por algum tempo, antes de cair morto no chão.

D: Mas o corpo de Kamal estava morto horas antes?

M: O que chama morte não é na realidade nenhuma experiência extraordinária para Kamal. Aqui está a história do que aconteceu quando ele era ainda mais novo.

Enquanto rapaz, Kamal tinha um amigo da mesma idade com quem costumava jogar aos berlines, etc. Uma regra geral que eles seguiam entre eles, era que se um ficasse a dever um jogo ao outro, o mesmo deveria ser compensado no dia seguinte. Uma tarde eles separaram-se com um jogo em crédito para Kamal. No dia seguinte para reclamar 'o retorno do jogo', Kamal foi a casa do amigo, onde viu o rapaz deitado na varanda, enquanto os seus familiares choravam ao lado dele.

"O que é que se passa?" perguntou-lhes Kamal, "ele jogou comigo, ontem à tarde e deve-me um jogo". Os familiares começaram a chorar ainda mais, dizendo que o rapaz estava morto. "Não", disse Kamal, "ele não está morto, está só a fingir, só para evitar compensar o jogo que me deve". Os familiares protestaram, pedindo a Kamal para ele próprio ver que o rapaz estava morto de verdade e que o corpo estava frio e rígido. "Mas tudo isso é só pretensão do rapaz, eu sei; o que é que tem que o corpo esteja rígido e frio? Também eu posso ficar assim". Dizendo isso, Kamal deitou-se e num abrir e fechar de olhos, estava morto.

Os coitados dos familiares, que estavam a chorar, até aí, pela morte do seu próprio rapaz ficaram desolados e consternados, e começaram a chorar também a morte de Kamal. Mas logo Kamal se levantou e disse "Vêm agora? Eu estava como vocês diriam morto, mas estou de novo, de pé, vivo e dando pontapés. É assim que ele me quer enganar, mas não consegue iludir-me desta forma com as suas pretensões."

No fim, a história diz que a santidade inerente a Kamal deu vida ao rapaz morto, e Kamal teve de volta o jogo que lhe estava em dívida. A

*moral é que a morte do corpo não é a extinção do Self. A relação do Self ao corpo não é limitada pelo nascimento e morte, e o seu lugar no corpo físico não é circunscrito pela experiência de alguém o ter sentido num lugar particular, como por exemplo, entre as sobrancelhas, devido à prática de *dhyana*, realizada sobre esse centro. O estado supremo de Auto-consciência nunca está ausente; ela transcende os três estados da mente, como também a vida e a morte.*

D: Como Sri Bhagavan diz que o *Self* pode funcionar em qualquer dos centros ou *chakras*, enquanto o seu assento é no coração, não será possível, que através da prática da concentração intensa entre as sobrancelhas ou *dhyana*, esse centro em si, se possa tornar o assento do *Self*?

M: Enquanto é apenas o nível da prática de concentração, através da fixação de um lugar para controlar a sua atenção, qualquer consideração sobre o assento do *Self* será mera teorização. Você considera-se como o sujeito, aquele que vê, e o lugar sobre o qual fixa a sua atenção torna-se o objecto visto. Isso é *bhavana*. Quando pelo contrário, você vê o próprio Observador fundir no *Self*, tornar-se um com ele; isso é o coração.

D: Então, a prática da concentração entre as sobrancelhas é aconselhável?

M: O resultado da prática de qualquer tipo de *dhyana*, é que o objecto sobre qual o *sadhaka* fixa sua mente, deixa de existir como separado e distinto do sujeito. Eles (o sujeito e objecto) tornam-se o *Self*; e isso é o coração.

A prática da concentração sobre o centro entre as sobrancelhas é um dos métodos de *shadana*, e através dele os pensamentos são efectivamente controlados, por algum tempo. A razão é a seguinte. Todo o pensamento é uma actividade extrovertida da mente; e o pensamento, no primeiro instante, segue a visão física ou mental.

Apesar disso, é de salientar, que o *sadhana* de fixar a atenção entre as sobrancelhas deverá ser acompanhado de *japa*. Porque a seguir na importância ao *olho físico* está o *ouvido físico*, quer para controlar ou distrair a mente. A seguir na importância à *visão da mente* (isto é visualização mental do objecto) está o *ouvido da mente* (isto é articulação mental da fala), quer para controlar a mente e daí a fortalecer ou para a distrair e dissipar.

Por isso, enquanto se fixa a visão da mente num centro, como por exemplo, entre as sobrancelhas, você deve igualmente praticar a articulação mental de um *nama* (nome) ou *mantra* (sílabas sagradas ou sílabas). De outra forma, muito depressa, irá perder a atenção sobre o objecto da concentração.

Sadhana, tal como acima descrita, conduz à identificação do Nome, Palavra ou *Self* – o que quer que o chame – com o centro seleccionado, para os propósitos de *dhyana*. Consciência pura, o *Self* ou o Coração é a Realização final.

D: Porque é que *Sri Bhagavan* não nos orienta para a prática da concentração sobre um centro de *chakras* particular?

M: *Yoga sastras* dizem que o *sahasrara* ou o cérebro é o assento do *Self*. *Purushasukta* declara que o coração é o seu assento. Para permitir que o *sadhaka* possa orientar, livre de uma possível dúvida, eu digo-lhe para seguir o ‘fio’ ou a pista do ‘I’-ness ou ‘I-am’-ness e para o seguir até à sua fonte. Primeiro, porque é impossível que alguém tenha qualquer dúvida sobre a sua noção do ‘Eu’; em segundo lugar, qualquer que seja a *sadhana* adoptada, a meta final é a realização da fonte ‘I-am’-ness que é o primeiro dado da sua experiência.

Por isso, se você praticar *atma vichara* irá chegar ao coração que é o *Self*.

VI

AHAM e AHAM-VRITTI

D: Como é que qualquer investigação iniciada pelo ego pode revelar a sua própria irrealidade?

M: A existência fenomenal do ego é transcendida quando mergulha na Fonte de onde surge *aham-vritti*.

D: Mas *aham-vritti* não é apenas uma das três formas, na qual o ego se manifesta? *Yoga Vasishtha* e outros textos antigos descrevem o ego como tendo três formas.

M: Assim é. O ego é descrito como tendo três corpos, o grosso, o subtil e o causal, mas isso é apenas para a finalidade de uma exposição analítica. Se o método de investigação dependesse da forma do ego, acredite que qualquer investigação se tornaria, de todo, impossível, porque o ego poderá tomar numerosas formas. Por isso, para as finalidades de *jnana vichara*, terá de proceder tendo como base que o ego tem apenas uma forma, nomeadamente, a de *aham-vritti*.

D: Mas poderá provar-se inadequado para realizar *jnana*.

M: Auto-investigação ao seguir a pista de *atma – vichara* é como um cão a seguir o seu mestre pelo cheiro. O mestre poderá então estar a alguma distância, num sítio desconhecido, mas isso não impede, de forma alguma, o cão de o seguir. O cheiro do dono é uma pista infalível para o animal, e nada mais conta, como o vestuário que ele usa ou a sua estatura, etc.. enquanto está à procura do dono, o cão agarra o cheiro dele, sem distração, e por fim, tem sucesso na sua busca.

D: A pergunta mantém-se, mesmo assim, porque é que, a procura pela fonte de *aham-vritti*, como distinta de outros *Vrittis*, deve ser considerada o meio directo para a Auto-realização.

M: A palavra *Aham* é por si muito sugestiva. As duas letras da palavra, nomeadamente A (*A*) e h (*HA*) são a primeira e a última palavra do alfabeto Sânscrito. A sugestão que se pretende transmitir, pela palavra, é que ela inclui tudo. Como? Porque *aham* significa, a existência, em si. Apesar de o conceito de '*I*'-ness ou '*I-am*'-ness, ser habitualmente conhecido como *aham-vritti*, ele não é na verdade

vritti, como os outros *vrittis* da mente. Porque enquanto os outros *vrittis* não têm uma inter-relação essencial, o *aham-vritti* está ligado, na essência e de igual forma, a cada um e a todos os *vrittis* da mente. Sem *aham-vritti* não pode haver outro *vritti*, mas o *aham-vritti* pode subsistir por si, sem depender de qualquer outro *vritti* da mente. Por isso, o *aham-vritti* é fundamentalmente diferente dos outros *vrittis*. Assim, a procura da fonte de *aham-vritti* não é apenas a procura das bases de uma das formas do ego, mas da própria Fonte, da qual surge ‘I-am’-ness. Noutras palavras, a procura pela fonte e a realização da fonte do ego na forma de *aham-vritti*, implica necessariamente, a transcendência do ego em todas as suas possíveis formas.

D: Admitindo que *aham-vritti* engloba, essencialmente, todas as formas do ego, porque é que só esse *vritti* *deverá ser* escolhido, como meio para a Auto-investigação?

M: Porque é o único dado irredutível da sua experiência; porque procurar a sua fonte, é a única forma prática que pode adoptar, para realizar o *Self*. É dito que o ego tem corpo causal, mas como é que consegue fazer dele o sujeito da sua investigação? Quando o ego adopta essa forma, você está imerso na escuridão do sonho.

D: Mas o ego, nas suas formas subtil e causal, não é também demasiado intangível para ser abordado através da investigação na fonte de *aham-vritti*, conduzida enquanto a mente está acordada?

M: Não. A investigação na fonte de *aham-vritti* toca a própria existência do ego. Por isso a subtilidade da forma do ego não é uma consideração material.

D: Tendo como única finalidade realizar o incondicional Ser puro do *Self*, o qual, de maneira nenhuma é dependente do ego, como é que a investigação pertencente ao ego, na forma de *aham-vritti*, pode ser de alguma utilidade?

M: Do ponto de vista funcional, a forma, actividade ou o que quer que lhe chame (é irrelevante porque é evanescente), o ego tem uma e só uma característica. O ego funciona como o nó entre o *Self* que é Consciência Pura e o corpo físico que é inerte e insensiente. O ego é por isso chamado *chit-jada granthi*. Na sua investigação pela fonte de *aham-vritti*, pegue no aspecto essencial, *chit, do ego*; e por essa razão a investigação *deverá* conduzir à realização da consciência pura do *Self*.

D: Qual é a relação entre a consciência pura realizada pelo *jnani* e o ‘I-am’-ness que é aceite como sendo o primeiro dado da experiência?

M: A consciência indiferenciada do Ser Puro é o coração ou *hridayam*, o que você realmente é, como indica o significado da palavra em si (*hrit + ayam*= heart am I / Coração sou eu). Do coração, surge o ‘I-am’-ness como dado primário da experiência de cada um. Por si só, é *suddha-sattva*, de carácter. É nessa *Suddha-sattva svarupa* (que é não contaminada por *rajas* e *tamas*) que o ‘Eu’ surge para subsistir no *jnani*

D: No *jnani*, o ego subsiste na forma *sattvic* e por isso ele surge como algo real. Estou certo?

M: Não. A existência do ego, em qualquer forma que seja, no *jnani* ou no *ajnani* é em si, uma aparência. Mas para o *ajnani*, que está iludido em pensar que o estado acordado e o mundo são reais, o ego, também lhe parece real. Ao ver o *jnani* a agir como as outras pessoas, ele também se sente constrangido em propor alguma noção de individualidade em referência ao *jnani*.

D: Então, como é que *aham-vritti* funciona no *jnani*?

M: Nele, não funciona de todo. O *lakshya* do *jnani* é o coração em si, porque é idêntico e é um com a indiferenciada Consciência Pura, referida pelos *Upanishads* como *Prajnana*. *Prajnana*, na verdade é Brahman, o Absoluto e não há outro Brahman do que *Prajnana*.

D: Como é então, que a ignorância desta uma e única Realidade surge, infelizmente, no caso do *ajnani*?

M: O *ajnani* só vê a mente que é apenas o reflexo da luz da Consciência Pura, surgindo do coração. Do coração em si, ele é ignorante. Porquê? Porque a sua mente é extrovertida e nunca procurou a sua Fonte.

D: O que impede a infinita e indiferenciada luz da Consciência de surgir do coração, revelando-se, a si própria, ao *ajnani*.

M: Tal como a água num pote, reflecte o enorme sol, dentro dos estreitos limites do pote, assim, também as *vasanas* ou tendências latentes da mente do indivíduo, actuam como reflectores, captando a omnipresente, infinita luz da Consciência que surge do coração e apresenta na forma de reflexo, o fenómeno chamado de mente. Ao ver só esse reflexo, o *ajnani* ilude-se na crença de que é um ser finito, o *jiva*.

Se a mente se tornar introvertida, através da investigação na fonte de *aham-vritti*, as *vasanas* extinguem-se, e na ausência do meio reflector, o fenómeno de reflectir, nomeadamente a mente, também desaparece, sendo a mente absorvida na luz da única Realidade, o coração.

Esta é a soma e a substância de tudo o que um aspirante precisa saber. O que é exigido dele, imperativamente, é uma investigação sincera e concentrada na fonte de *aham-vritti*.

D: Mas, qualquer esforço que ele possa fazer, está limitado à mente no estado desperto. Como é que esse tipo de investigação, realizada só num dos três estados da mente, pode destruir a mente, em si?

M: Investigação na fonte de *aham-vritti*, é sem dúvida iniciada pelo *sadhaka*, no estado desperto da mente. Não pode ser dito, que nele, a mente foi destruída. Mas, por si, o processo de Auto-investigação irá revelar que a alternância ou alteração dos três estados da mente, bem como dos três estados, em si, pertencem ao mundo dos fenómenos, o qual não pode afectar a intensa investigação para dentro.

Auto-investigação só é realmente possível através de uma introversão intensa da mente. No final, o que é realizado como resultado da investigação na fonte de *aham-vritti*, é na verdade o coração como a luz indiferenciada da Consciência Pura, em que a luz reflectida da mente é completamente absorvida.

D: Então, para o *jnani*, não há distinção entre os três estados da mente?

M: Como é que pode haver, quando a mente em si, se dissolve e desaparece na luz da Consciência?

Para o *jnani*, todos os três estados são igualmente irreais. Mas o *ajnani* é incapaz de compreender isso, porque para ele o padrão da realidade é o estado desperto, enquanto que para o *jnani*, o padrão da Realidade é a Realidade em si. Essa Realidade da Consciência Pura é eterna por sua natureza e por isso subsiste igualmente, durante o que você chama de estado acordado, a sonhar e a dormir. Para aquele que é um com a Realidade, não há nem a mente, nem os seus três estados, e por isso, nem introversão nem extroversão.

O estado dele é o de sempre desperto, porque ele está acordado para o eterno *Self*; o estado dele é o estado de sempre a sonhar porque para ele o mundo não é mais do que um fenómeno do sonho, apresentado repetidamente; o estado dele é o estado de sempre dormir, porque ele está todo o tempo, sem a consciência do 'corpo-sou-eu'.

D: Devo eu, então, considerar Sri Bhagavan como falando comigo num estado acordado-a sonhar-a dormir?

M: Porque a sua experiência consciente está agora limitada à duração da extroversão da mente, você chama o momento presente de estado acordado, enquanto durante todo o tempo a sua mente tem estado a dormir para o *Self* e por isso você está agora a dormir profundamente.

D: Para mim o sono é um mero vazio.

M: Assim é, porque seu estado acordado é apenas a efervescência da sua mente inquieta.

D: O que quero dizer com vazio é que no meu sono estou pouco consciente do que quer que seja; para mim, é como não-existência.

M: Mas você existiu durante o sono.

D: Se existi, não estava consciente disso.

M: Seriamente, você não quer dizer que deixou de existir durante o sono! (risos) Se adormeceu como Sr. X, acordou do sono como Sr. Y?

D: Eu sei a minha identidade, talvez por um acto de memória.

M: Sendo assim, como pode ser possível, sem que haja uma continuidade da consciência?

D: Mas eu estava inconsciente dessa consciência.

M: Não. Quem é que lhe diz que você está inconsciente durante o sono? É a sua mente. Mas não havia mente no seu sono? Qual o valor do testemunho da mente sobre a sua existência ou experiência durante o sono? Procurar o testemunho da mente para refutar a sua existência ou consciência durante o sono, é como apresentar a evidência do seu filho para refutar o seu nascimento!

Lembra-se, eu disse-lhe uma vez, que existência e consciência não são duas coisas diferentes, mas sim, uma e a mesma? Bem, se por alguma razão, você se sente constringido em admitir o facto de que existiu no sono, tenha a certeza que estava consciente dessa existência.

Do que estava realmente inconsciente durante o sono era da sua existência corporal. Você está a confundir a consciência do corpo com a verdadeira Consciência do *Self* que é eterna. *Prajnana* que é a fonte de 'I-am'-ness subsiste sempre, sem ser afectada pelos três estados transitórios da mente, permitindo-lhe, assim, reter a sua identidade intacta.

Prajnana está também para além dos três estados, porque pode subsistir sem eles e apesar deles.

É essa Realidade que deve procurar durante o chamado estado desperto, ao seguir o *aham-vritti* até à sua Fonte. Uma prática intensa

dessa investigação irá revelar que a mente e os seus três estados são irrealis e que você é a eterna, infinita Consciência do Ser Puro, o *Self* ou o Coração.

APÊNDICE

Bhagavan Sri Ramana Maharshi

Por Sri Swami Siddeshwarananda

Sri Swami Siddeshwarananda era um erudito e sábio do Vedanta e um membro distinto da Ordem de Sri Ramakrishna Mission, da qual era o seu responsável em Paris.

Quando estava na Índia, ele visitava frequentemente o ashram e era um grande devoto de Bhagavan Sri Ramana Maharshi, a quem adorava como sendo a encarnação viva da Verdade, e Um com o universo como um todo, o SELF de Todos.

Este artigo é a forma condensada da tradução Inglesa feita pelo Major A.W. Chadwick, O.B.E., do artigo original em Francês.

Sri Ramana Maharshi expõe um sistema de pensamento e filosofia de vida que encarna a essência dos ensinamentos vedânticos. Na Índia, uma filosofia de vida não poderá ter absolutamente nenhuma influência, excepto quando se reflecte na vida de quem a expõe. Nós também devemos dizer que é a vida de um indivíduo e a sua realização que dá a oportunidade para a construção de um sistema filosófico e que tal vida traz uma compreensão e abre horizontes que influenciam a sociedade como um todo e melhoram o relacionamento entre os homens.

Quando os profetas da antiga Índia atingiram as Verdades últimas, imediatamente as expressaram nos Hinos védicos e nos ensinamentos dos *Upanishads*, eles eram vistos como sendo o sal da terra, porque se tornaram faróis para guiar a humanidade hesitante em relação ao seu caminho. As verdades que esses grandes seres descobriram, estão escondidas nas suas almas. E o que eles ensinam ao homem são só os meios para penetrar dentro de nós e trazer à luz do dia o tesouro secreto que todos possuímos. É a expressão do direito de cada um de

fazer a sua própria introspecção, o que confere dignidade aos esforços do homem, porque a Verdade é a nossa herança legítima.

Os *Upanishads* dirigem-se ,nesses termos, a todos aqueles que aspiram seguir a verdade. “Oh, vós, herdeiros da felicidade imortal!” Há algo que possa ser mais encorajante do que estas palavras de esperança? Não é no pecado original que o homem encontra as bases da sua existência, é na chama dourada da luz de *Atman*.

Maharshi descobriu isso; ele encontrou por si, sem qualquer ajuda do exterior. Ainda muito jovem estudante, ele foi apanhado pelo medo da morte. Atirou fora os livros que escondiam mais vezes a Verdade do que a revelavam; estendeu-se no chão, fechou os olhos e imitou todos os sintomas da morte.

O que se segue é o que ele próprio disse sobre essa experiência.

Agora a morte chegou, o que é que isso significa? O que é morrer? O que é que morre? O corpo material morre. De seguida dramatizo o cenário da morte. Estendi os meus membros e mantive-os rígidos. Travei a minha respiração. “Muito bem”, disse a mim próprio, “este corpo está morto, eles virão e levarão o corpo para o cemitério para o reduzir a cinzas. Mas quando o corpo está morto, eu estou morto? Este corpo é ele, o Eu? Ele é inerte e mais ainda, eu sinto a minha personalidade independente dele. Sou, então, o Espírito imortal que transcende o corpo que é o único que vive e morre”. Tudo isto surgiu, perante mim, com grande intensidade, de forma espontânea, como a verdade vivida percebida imediatamente e quase sem discussão. O medo da morte desapareceu completamente e definitivamente. Esta presença imediata e consciente do Eu ou *Self*, completamente independente do corpo físico, continua desde então.

Esta experiência directa do *Self* é denominada de *Aparokshanubhuti*; é diferente de todo o conhecimento adquirido através do esforço intelectual, que sempre implica uma relação entre o sujeito e o objecto, sendo por consequência, limitado no espaço e no tempo e sem qualquer valor transcendental.

Aquele que teve esta experiência directa do *Self* é considerado como ser Libertado, mesmo quando ainda está vivo. Ele é chamado *Jivanmukta*. A existência de tais indivíduos que são encarnações vivas da Verdade torna, esta Verdade, demonstrável. A realização *Vedântica*

desses grandes seres, dá de facto a possibilidade de uma aplicação prática e a sua realização eleva o nível de consciência humana.

É esse aspecto de *Vedanta* que atrai a atenção dos estudiosos para os seus ensinamentos. A investigação *Vedântica* vai muito mais em profundidade do que toda a análise objectiva da matéria, vai às bases fundamentais da percepção, e como tal, dá-nos a sinopse da Verdade e não uma visão reduzida. O interesse que o ocidente tem na vida e ensinamentos de Sri Ramana Maharshi prova a atracção universal da filosofia *Vedanta*, a qual podemos ver incorporada no Sábio de Tiruvannamalai.

Num artigo sobre Yoga Indiano, M. Lacombe da Universidade de Paris escreveu sobre Maharshi:

A pessoa dele emana uma força composta de inteligência e conhecimento profundo do *Self*. Um olhar brilhante, intenso e fixo sem dureza, suavidade olímpica do gesto, magro e delicado num corpo imóvel, ele é considerado, por excelentes juizes, de ser um autêntico Yogi e de ter atingido a Realização mais elevada.

Cito esta passagem, só para ilustrar a impressão sentida por alguém, que apreciou a atmosfera que rodeia o Sábio, durante uma visita a Maharshi.

É no entanto, muito difícil para um Europeu, moldado pelas tradições da Teologia e Filosofia Ocidental, ter algum contacto com a concepção de vida de Maharshi.

Respeitosamente, gostaria de observar ao ilustre professor que Maharshi é mais um *tattva jnani* do que um yogi; a sua concepção de vida abrange toda a vida, o que quer dizer para um indiano, que abraça os três estados *jagrat*, *svapna* e *sushupti*. A experiência *yogica* é a experiência do 'Eu' como identificação cósmica que torna *jagrat* como o principal campo de experiência. Se alguém procurar exemplos desta experiência cósmica e universal do 'Eu', como o M. Lacombe lhe chama, não há falta de místicos na Índia que chegaram à realização com este nível de experiência.

Mas o Maharshi é acima de tudo *tattva jnani* e o seu campo de pesquisa e experiência é muito mais vasto do que o de um místico. O Sábio transcende os limites dos três estados.

Maharshi aceita a terminologia aprovada pela tradição e utilizada sempre pelos Sábios da Índia, desde o tempo dos *Upanishads*.

Os ensinamentos de Maharshi estão em perfeita concordância com as escrituras sagradas, espirituais e filosóficas da antiga Índia e procedem directamente dos grandes Sábios do passado.

Quem quer que tenha a oportunidade de observar, Maharshi, em primeira mão, saberá plenamente que ele não é extrovertido nem introvertido. Ele é o homem mais normal que alguém possa alguma vez encontrar. Ele é efectivamente um *sthitaprajna*, um homem cuja inteligência está solidamente fundada. Já o vi aparentemente mergulhado no seu interior, em que todos acreditavam que ele estava absorvido no seu *Self*, mas nesse momento, quando alguém no final da sala cometeu um erro na recitação de alguns versos em Tamil, o Maharshi abriu os olhos corrigiu o erro e de novo fechou os olhos e voltou para o seu estado anterior. Já afirmei que não se consegue dizer que o mundo exterior não lhe interessa. Ele chegou a um grau de concentração extraordinária, e como essa concentração permanece perpetuamente num estado habitual da vida no *jnana* ou – como o Sábio o chama –*sahajasthiti*, ele não é introvertido nem extrovertido. Ele simplesmente É. E pelo seu conhecimento da Realidade última, ele é um com a Realidade, na sua expressão múltipla de manifestação, ele é um com o Universo como todo.

Quando eu o vi, encontrei nele um exemplo perfeito da descrição que Sri Sankaracharya dá no seu *Vivekachudamamani*, onde ele explica o que caracteriza um *jivanmukta*. Verso 429 lê-se:

लीनधीरपि जागर्ति जाग्रद्धर्मविवर्जितः
बोधो निवसिनो यस्य स जीवन्मुक्त इष्यते

“Aquele que mesmo quando a sua mente está embebida no Brahman, está mesmo assim, completamente desperto, mas ao mesmo tempo está livre das características do estado desperto e cuja realização está livre de todo desejo, deverá ser considerado, enquanto ainda vivo, um homem libertado.”

A noção de introversão ou extroversão não pode ser aplicada a alguém cuja filosofia de vida repousa unicamente na experiência do estado desperto.

No *Panchadasi* que é uma obra autorizada sobre *Advaita*, encontramos no verso 13 do capítulo VI, uma declaração que é extremamente importante em relação a este ponto. O autor Vidyaranya diz:

नाप्रतीतिस्तयोर्बधिः किन्तु मिथ्यात्वनिश्चयः

नो चेत्सुषुप्तिमूर्च्छादौ मुच्येतायत्नतो जनः

“A destruição do mundo e do *jiva* não significa que eles se devem tornar imperceptíveis aos sentidos, mas deve surgir uma determinação da sua natureza irreal. Se assim não fosse, pessoas poderiam atingir a emancipação sem fazer qualquer esforço pessoal, tal como no sono sem sonhos ou no desfalecimento (quando todas as percepções desaparecem completamente)”.

Tal como diz Gita, o Atman, esquecendo a sua verdadeira natureza, acredita que é o ego e autor de todas as acções, sendo esta a causa de todos os mal-entendidos. Um homem como Maharshi que transcendeu o ego é considerado pelos Upanishads como sendo *Self* de Tudo.

Se pudéssemos passar algum tempo ao lado de Maharshi, nessa altura deveríamos conseguir compreender melhor, à luz das palavras expressas pelo Sábio, sobre problemas filosóficos, essa vida de iluminação, como o grande fogo que arde no Monte de Arunachala, é um verdadeiro farol para aqueles que querem encontrar na Índia moderna os efeitos revivificantes dos ensinamentos dos Upanishads consagrados pelo tempo.

GLOSSÁRIO

A

Abhyasa: prática espiritual.

Advaita: não dualidade; também a doutrina da não dualidade.

Aham: Eu.

Aham-vittri: o ‘pensamento Eu’, o sentir limitado de ‘I-ness’.

Ajnana: ignorância da sua própria natureza.

Ajnani: uma pessoa que é ignorante da sua própria natureza.

Anubhava: experiência, especialmente a experiência do Auto-conhecimento.

Aparokshanubhuti: experiência directa do Auto-conhecimento.

Artha-Vada: um argumento explicativo/dado para servir um propósito particular.

Asana: postura, especialmente uma postura adoptada para meditação.

Asraman: a residência de um Sábio ou asceta.

Atman: o verdadeiro *Self*.

Atma-jnani: uma pessoa que atingiu o Auto-conhecimento.

Atma-vichara: Auto-investigação, a prática de examinar minuciosamente ou prestar atenção ao sentir “Eu” para saber, ‘Quem sou eu?’.

Atma-vidya: Auto-conhecimento.

B

Bhajana: cantar canções devocionais.

Bhakta: devoto.

Bhakti: devoção.

Bhavana: imaginação, meditação.

Brahma-jnana: conhecimento do Brahman.

Brahman: o absoluto, realidade não-dual, que é *Self* ou Atman.

C

Chakra: um dos seis centros *yogicos* principais no corpo.

Chidananda: a felicidade da consciência pura.

Chit: consciência pura que é a natureza do *Self*.

Chit-jada-granthi: o nó entre o *Self* – que é a consciência pura e o corpo que é inanimado, insensível.

D

Dehatma-buddhi: o sentir ‘Eu sou este corpo’.

Dhyana: meditação.

Dvaita: dualidade, também a doutrina da dualidade.

G

Gita: o Bhagavad Gita: uma das escrituras sagradas hindu mais conhecida.

Guru: um verdadeiro mestre que é um com Deus ou com o verdadeiro *Self*.

Guru-kripa: a Graça do Guru.

Grishasta: chefe de família, uma pessoa que vive vida de casado.

H

Hridayam: o Coração, que é o verdadeiro *Self*.

I

Iswara-svarupa: a natureza de Deus ou Iswara.

J

Jada: Insensível.

Jagrat: o estado desperto.

Jagrat-sushupti: o estado de sono desperto, no qual não há pensamentos, mas há plena consciência da existência-consciência 'Eu sou'.

Japa: repetição de um *mantra* ou do nome de Deus.

Jiva: uma alma individual.

Jivanmukta: uma pessoa que é libertada mesmo enquanto a viver no corpo.

Jnana: conhecimento, especialmente o conhecimento do *Self* verdadeiro.

Jnana-vichara: Auto-investigação, investigação que leva ao *Jnana* ou Auto-conhecimento .

Jnani: pessoa que atingiu o Auto-conhecimento.

K

Karma-yogi: uma pessoa cujas acções não são motivadas pelo desejo, para benefício pessoal ou por qualquer outro tipo de apego.

Kevala nirvikalpa samadhi: uma sensação temporária de *samadhi* ou compenetração.

L

Lakshya: objectivo (no qual se foca a atenção), aquilo que se mantém na visão.

M

Maharshi: um grande Sábio.

Mantra: uma fórmula sagrada utilizada para *japa* ou repetição.

Marga: o caminho espiritual.

Maya: ilusão.

Moksha: libertação.

Mauna: silêncio.

N

Nama: um nome (de Deus).

Nama-japa: repetição de um nome de Deus.

Namaskar: o acto de reverência.

Nirvana: o estado de libertação ou o estado sem ego.

Nirvikalpa samadhi: o estado de compenetração.

P

Prarabdha: destino, a parte do fruto das nossas acções do passado que foram designadas para serem experienciadas nesta vida.

Prasad: comida oferecida ao Guru ou a uma divindade, uma parte da qual poderá ser devolvida ao devoto como sinal de benção.

Purusha Sukta: um hino do Rig Veda.

Prajnana: Consciência Pura.

R

Rajas: o segundo dos três gunas ou qualidades da natureza, nomeadamente a qualidade de inquietude, desejo e paixão.

Rishi: um Sábio.

S

Sadhana: uma prática espiritual, um meio adoptado para o progresso espiritual.

Sadhaka: uma pessoa que pratica sadhana.

Sahaja jnani: uma pessoa que permanece no seu estado natural, tendo atingido o Auto-conhecimento.

Sahaja nirvikalpa samadhi: o estado natural e permanente de samadhi ou completa compenetração.

Sahaja-sthiti: o estado natural.

Sahasrara: o cérebro, descrito metaforicamente como um lótus de mil pétalas.

Samadhi: o estado de compenetração, no qual (como definido por Sri Bhagavan)"só há a sensação 'Eu sou' e nenhum pensamento".

Samsara: o estado da actividade mundana ou existência mundana.

Samskara: uma impressão mental ou tendência continuada das vidas passadas.

Sannyasa: renúncia.

Sannyasin: aquele que renuncia.

Sastras: as escrituras.

Sat: existência verdadeira ou ser.

Sat-chit: existência-consciência.

Sattva: o primeiro dos três *gunas*, ou qualidades da natureza, nomeadamente a qualidade de calma, bondade e pureza.

Sattvic: da natureza de *sattva*.

Siddhis: poderes ocultos.

Sri Bhagavata: um dos dezoito *puranas*, um texto sagrado centrado principalmente na vida de Sri Krishna.

Sthita-prajna: uma pessoa que permanece firmemente no estado de Auto-conhecimento.

Suddha-sattva: pureza não contaminada ou *sattva*.

Suddha-sattva svarupa: a forma não contaminada de *sattva*.

Sunya-vadin: um ateu, uma pessoa que nega a existência de Deus ou de qualquer Realidade última.

Sushupti: sono sem sonho.

Svapna: sonho.

T

Tamas: o último dos três *gunas* ou qualidades da natureza, nomeadamente a qualidade de escuridão, ignorância e mal.
Tattva-jnani: uma pessoa que conhece a realidade.
Truth Revealed: o trabalho Ulladu Narpadu por Bhagavan Sri Ramana.

U

Upanishads: as últimas e mais filosóficas partes dos Vedas.

V

Vairagya: ausência de desejo.
Vasana: uma tendência mental que continua de vidas passadas.
Vasana-kshaya: a destruição de todas as *vasanas*.
Vastu: a realidade ou substância última.
Vedas: as mais antigas das escrituras hindu.
Vedanta: a filosofia dos *Upanishads*.
Vichara: investigação ou escrutínio, isto é, a prática de Auto-investigação ou *atma vichara*.
Vichara marga: o caminho da Auto-investigação.
Visishtadvaita: a doutrina da não-dualidade qualificada.
Vritti: pensamento, actividade da mente.

W

Who am I?: o trabalho 'Nan Yar?' por Bhagavan Ramana.

Y

Yoga: literalmente união ou unir; esta palavra é usada em muitos e diferentes sentidos, mas geralmente indica o caminho de *raja yoga*, descrito pelo Sábio Patanjali.
Yoga marga: o caminho do *raja yoga*.
Yoga-maya: o poder de esconder a natureza de algo e de criar uma aparência ilusória.
Yoga-sastras: as escrituras que expõem o caminho de *raja yoga*.
Yoga-Vasishtha: um renomado texto sagrado que expõe o caminho do conhecimento ou *jnana yoga*.
Yogi: adepto do *yoga*.